

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação/FCTE - Geografia

NATÁLYA CRIVELLARO PIRES

**A CONTRIBUIÇÃO DE JOÃO DIAS DA SILVEIRA AO DEBATE SOBRE O
ENSINO DE GEOGRAFIA, NO CONTEXTO DA ESCOLA NOVA**

OURINHOS - SP
2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação/FCTE - Geografia

NATÁLYA CRIVELLARO PIRES

**A CONTRIBUIÇÃO DE JOÃO DIAS DA SILVEIRA AO DEBATE SOBRE O
ENSINO DE GEOGRAFIA, NO CONTEXTO DA ESCOLA NOVA**

Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica, processo nº 2022/05527-6, apresentado junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), desenvolvido junto ao curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) - Câmpus de Ourinhos, sob a orientação da Profª. Márcia Cristina de Oliveira Mello.

OURINHOS - SP

2023

P667c Pires, Natalya Crivellaro
A CONTRIBUIÇÃO DE JOÃO DIAS DA SILVEIRA
AO DEBATE SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA,
NO CONTEXTO DA ESCOLA NOVA / Natalya
Crivellaro Pires. -- Ourinhos, 2023
58 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e
licenciatura - Geografia) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Tecnologia
e Educação, Ourinhos
Orientadora: Márcia Cristina Oliveira Mello

1. A contribuição de João Dias da Silveira ao
Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp,
debate sobre o ensino de Geografia, no contexto da
Biblioteca da Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Ourinhos.
Escola Nova / Título.
Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Márcia Cristina de Oliveira Mello
Orientadora - FCTE/UNESP/OURINHOS

Prof. Dr. Paulo Fernando Cirino Mourão
FCTE/UNESP/OURINHOS

Prof. Dra. Thamiris Slanzon de Carvalho
FCTE/UNESP/OURINHOS

Ourinhos, 27 de novembro de 2023.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS	8
2.1 Geral:	8
2.2 Específicos:	8
3. METODOLOGIA	9
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	11
4. 1 Características da técnica de ensino excursão geográfica proposta por João Dias da Silveira, em 1936	11
4.2 A contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia no contexto da Escola Nova	19
4. 3 A atualidade do pensamento de João Dias da Silveira nas aulas de Geografia dos estudantes da ETEC de Ourinhos articuladamente ao Projeto “Nós Propomos!”	27
4.4 Análise dos Cadernos de Campo	40
4.5 Dificuldades da realização do trabalho de campo nas escolas públicas	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE A	55
APÊNDICE B - PRODUÇÃO ACADÊMICA	59
Participação em eventos científicos	59

A contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia, no contexto da Escola Nova

Resumo

A pesquisa documental e bibliográfica enfatizou a importância das excursões no ensino de Geografia através do olhar do professor João Dias da Silveira (1913-1973). O professor é considerado um importante intelectual de seu tempo, se tornou o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP Campus de Rio Claro. A pesquisa teve como objetivo detalhar as características da técnica de ensino excursão geográfica proposta por João Dias da Silveira, em 1936; reforçar a contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia no contexto da Escola Nova; e analisar a atualidade da pesquisa de João Dias da Silveira nas aulas de Geografia dos estudantes da turma de Meio Ambiente da ETEC de Ourinhos articuladamente ao Projeto “Nós Propomos!”.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; excursões geográficas; Escola Nova; João Dias da Silveira; Trabalho de Campo.

João Dias da Silveira's contribution to the debate on Geography teaching, in the context of Escola Nova

Abstract

Documentary and bibliographical research emphasized the importance of excursions in Geography teaching through the eyes of professor João Dias da Silveira (1913-1973). The professor is considered an important intellectual of his time, he became the first director of the Faculty of Philosophy, Sciences and Letters at UNESP Rio Claro Campus. The research aimed to detail the characteristics of the geographical excursion teaching technique proposed by João Dias da Silveira, in 1936; Reinforce João Dias da Silveira's contribution to the debate on Geography teaching in the context of Escola Nova; Analyze the current nature of João Dias da Silveira's research in the Geography classes of students in the Environment class at ETEC in Ourinhos in conjunction with the “We Propose!” Project.

Keywords: Teaching Geography; geographic excursions; New school; João Dias da Silveira; Fieldwork.

1. INTRODUÇÃO

Apresentam-se resultados finais da pesquisa denominada “A contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia, no contexto da Escola Nova”, desenvolvida como Iniciação Científica junto a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Câmpus de Ourinhos. Teve seu início como Iniciação Científica junto à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), no segundo semestre de 2021. Posteriormente, no mês de agosto de 2022 ocorreu a aprovação do projeto de pesquisa pela FAPESP, em um momento inicial foi realizado, junto a orientadora uma seleção de quais seriam as fontes bibliográficas utilizadas para a ampliação do projeto.

A primeira etapa da pesquisa apresenta fontes que indicam orientações destinadas aos professores das escolas secundárias relacionadas aos métodos de ensino de Geografia através dos trabalhos de campo, ou seja, demonstrar *in loco* com os estudantes os conceitos aprendidos em sala de aula, em contexto da realidade imediata.

Considerando a possibilidade de ampliar os estudos das particularidades da Didática da Geografia na época focada para estudo, selecionamos como fonte privilegiada de estudo o artigo “A excursão no ensino de Geografia”, publicado para a revista *Geografia* v.2, n.4, p.70-73, no ano de 1936, por João Dias da Silveira, que destacou a sua concepção sobre os principais pontos que os professores de escolas secundárias deveriam considerar para ensinar conceitos de Geografia, envolvendo as excursões geográficas, ou seja, as saídas do ambiente habitual das aulas: a sala de aula.

De acordo com Albuquerque (2011) a História da Geografia escolar no Brasil tem seu marco inaugural nos anos de 1830, já que até então ela não constava como disciplina nos currículos escolares.

Para Rocha (1996) esse quadro muda a partir de 1837, quando a disciplina é então incluída no currículo do Colégio Imperial Pedro II. Para Vlach (2004) a disciplina escolar se constitui como resultado da pressão feita pela inclusão dos conteúdos de Geografia nos exames para ingressos nas Faculdades de Direito e Medicina do país. (Albuquerque, 2011, p. 23).

Tendo propósitos e finalidades específicas a disciplina se constituiu de acordo com os interesses e intenções das instituições de ensino para a aprendizagem da época.

Foram inúmeros os geógrafos estrangeiros e brasileiros que colaboraram para os primórdios da Geografia escolar e sua entrada no currículo escolar. Dentre tantos, selecionamos João Dias da Silveira (1913-1973).

A escolha do autor se deve ao fato do professor João Dias da Silveira ser um importante nome para o ensino secundário da Geografia. Integrante da primeira turma de licenciados em Geografia da Universidade de São Paulo (USP), formou-se no ano de 1936 e lecionou em colégios importantes da capital paulista, tais como: Colégio Bandeirantes e Sítio-Brasileiro (1934-1943), São Bento (1939-1942), Rio Branco (1939-1950) e Dante Alighieri (1943-1950) e em Campinas, município localizado no interior de São Paulo, atuou no Colégio Universitário anexo ao Ginásio do Estado. No ano de 1953 foi eleito Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade São Paulo (USP) e em 1957 foi convidado a instalar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, está que posteriormente seria a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Câmpus de Rio Claro.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral:

- Destacar as orientações didáticas destinadas aos professores da escola secundária paulista para utilização nas aulas de Geografia dos anos de 1930.

2.2 Específicos:

- Detalhar as características da técnica de ensino excursão geográfica proposta por João Dias da Silveira, em 1936.
- Reforçar a contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia no contexto da Escola Nova.
- Analisar a atualidade da pesquisa de João Dias da Silveira nas aulas de Geografia dos estudantes da turma de Meio Ambiente da ETEC de Ourinhos articuladamente ao do Projeto “Nós Propomos!”.

3. METODOLOGIA

A investigação consistiu em uma pesquisa documental e bibliográfica. O estudo documental se deu por meio de fontes já obtidas pela orientadora, que foram ampliadas em consulta ao acervo da Biblioteca “João Dias da Silveira” da UNESP, Campus de Rio Claro.

Foi considerada como fonte privilegiada de pesquisa o texto “A excursão no ensino de Geografia”, escrito por João Dias da Silveira, em 1936, além de materiais de autores que deram o panorama histórico da pesquisa, como: Albuquerque (2011), Batista (2018), Saviani (2020,) Mello; Cuani Junior (2020) entre outros.

Foi detalhada uma técnica de ensino indicada para uso na escola secundária, especialmente ampliando a compreensão de suas bases teóricas, advindas da Didática e da Psicologia da Educação.

Após a localização dos dados sobre o autor escolhido para análise e a técnica de ensino indicada por ele, os dados foram analisados à luz da bibliografia especializada em ensino e ensino de Geografia e os resultados sistematizados em formato de tabelas e resenhas de textos, e por fim, artigo acadêmico e texto completo e resumos para apresentação em eventos científicos.

Na última fase ocorreu a aplicação de atividades articuladamente desenvolvidas junto ao projeto “Nós Propomos!”. Foi realizada ainda a atividade de campo na Escola Técnica de Ourinhos (ETEC) com o auxílio do Núcleo de Pesquisa em Ensino de Geografia da Unesp de Ourinhos, quando foram organizadas as atividades que remetam a técnica de ensino utilizada pelo professor João Dias da Silveira, dentro e fora da sala de aula.

Quanto ao projeto “Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica” ele foi iniciado em Portugal no ano de 2011 e 2012, sendo promovido atualmente em diversos países, incluindo o Brasil, como forma de aperfeiçoar a aprendizagem em Geografia na Educação Básica.

O projeto tem como objetivo a formação de estudantes para que possam identificar os problemas cotidianos vivenciados por eles, esses que podem ser apontados através de um trabalho de campo, investigando-os e buscando propostas viáveis que auxiliem na solução do problema.

Vale ressaltar que o projeto transcorre entre a parte teórica e prática, ou seja, o aluno além do conhecimento da realidade imediata que carrega consigo sobre o

tema, é proposto um aprimoramento, através de pesquisas e estudos, para assim elaborar uma intervenção para o problema trabalhado em aula.

No projeto, os alunos são colocados no centro do processo educativo, ao identificarem e apresentarem propostas perante os problemas socioterritoriais concretos com o desenvolvimento de recolha, de tratamento de informações e de apresentação de propostas concretas (Claudino, 2020, p. 22).

O projeto “Nós Propomos!” possui um aspecto interdisciplinar, o que dinamiza o Ensino de Geografia, promovendo a cidadania ativa dos estudantes, além de poder ser adaptado para todos as etapas de ensino, tanto Ensino Fundamental quanto Ensino Médio.

As ações são sempre no sentido de identificar os problemas por meio de pesquisa de campo e apresentar soluções viáveis. Além disso, progressivamente, as atividades visam incentivar a atividade de investigação em Geografia (CLAUDINO, 2020, apud Carvalho Sobrinho, 2021, p. 57).

Desta forma, as atividades desenvolvidas na Escola Técnica “Jacinto Ferreira de Sá” - Ourinhos/SP foram:

Quadro 1 - Atividades desenvolvidos na ETEC durante 2022 e 2023

Encontros em sala de aula	Atividades propostas
1	Apresentação da técnica de ensino aos alunos e contextualização dos problemas socioambientais apontados pelos discentes.
2	Debate sobre temáticas ambientais tais como o lixo urbano.
3	Trabalho de campo até a Cooperativa de Reciclagem de Ourinhos e outros pontos escolhidos através das observações cotidianas dos estudantes.
4	Elaboração das propostas de intervenção.
5	Discussão com o Poder Executivo de Ourinhos sobre os problemas analisados no trabalho de campo com o objetivo de minimizar os impactos do lixo urbano.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ainda, como forma de analisar as dificuldades para a realização do trabalho de campo nas escolas públicas, foi aplicado um questionário em outubro de 2023 para o professor Carlos Renato Asakawa Novais, atualmente docente da disciplina de Geografia na Escola Municipal Emiliano Di Cavalcanti e idealizador de diversos

trabalhos de campo intermunicipais com alunos do Ensino Básico, com o objetivo de averiguar os principais obstáculos para a realização da atividade nas escolas públicas.

Além da sua vasta experiência com esse tipo de atividade, Carlos Renato foi meu professor nos anos de 2012, 2013, 2014, consecutivamente 5^a, 6^a e 7^a série do Ensino Fundamental II. Ele foi um dos poucos professores que tive durante a minha formação em escola da rede estadual que nos levou para trabalho de campo.

No ano de 2012 fomos gratuitamente para Campos do Jordão e Casa do Figureiro, localizado no município de Taubaté, a experiência que tive durante essa atividade foi marcante para a minha trajetória acadêmica na Educação Básica e isso foi fundamental para a construção da presente pesquisa, agora no Ensino Superior.

Tendo isso em vista, considere importante chamá-lo para participar da construção do meu estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4. 1 Características da técnica de ensino excursão geográfica proposta por João Dias da Silveira, em 1936

Os dados biográficos e bibliográficos do professor João Dias da Silveira foram coletados a partir de Santos (1973) e Garcia (2008). Silveira iniciou sua jornada acadêmica no ano de 1934 ao ingressar na tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo (USP) e na recém fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da mesma universidade, cursando História e Geografia.

No mesmo ano de sua formação em História e Geografia (1936), João Dias da Silveira abandonou a Faculdade de Direito, com o objetivo de dedicar-se exclusivamente ao ensino e pesquisa no campo da Geografia, onde, neste mesmo ano, foi nomeado assistente adjunto à Cadeira de Geografia Física e Humana, sob a orientação do Professor Pierre Monbeig e no ano seguinte foi nomeado assistente.

Em 1939 foi contratado interinamente para dirigir a Cadeira de Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde se manteve no cargo até o ano de 1950, tendo durante esse período sido

aprovado em sua tese de doutorado intitulada “Contrafortes Ocidentais da Mantiqueira”.

Aos 37 anos tornou-se Professor Catedrático da USP por meio de concurso de títulos e provas, defendendo a tese sobre “Baixadas litorâneas quentes e úmidas”.

Em 1952 visitou a Europa e a convite do governo francês fez parte de uma Comissão de Estudos que percorreu países da África do Norte e África Ocidental, onde participou de excursões geomorfológicas no Marrocos dirigida pelo geógrafo francês Jean Dresch.

No ano seguinte foi eleito Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e em 1954 se tornou membro do Conselho Técnico-Administrativo da mesma universidade.

Passou o ano letivo de 1955 lecionando Geografia Física na Faculdade Catarinense de Filosofia, localizada em Santa Catarina, a pedido do Governo Estadual, onde além da docência também foi fundador da do Departamento de Geografia da mesma.

Como diretor da Faculdade de Rio Claro, João Dias da Silveira foi solicitado para dirigir a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto (USP).

Além das atribuições já mencionadas, o professor lecionou Geomorfologia na USP, participou de diversas bancas de doutorado como orientador, atuou como presidente ou membro de concursos referentes ao Magistério Secundário Oficial do Estado de São Paulo, além de possuir diversos trabalhos publicados, principalmente relacionados as excursões geográficas e a Geografia Física.

Era considerado uma das mais consagradas autoridades universitárias, com larga folha de serviços prestados ao ensino (Buschinelli, 1988, p. 12 apud Garcia, 2008, p.27).

Imagem 1 e 2 - Professor João Dias da Silveira**Fonte:** Garcia (2008)**Fonte:** Santos (1973)

No ano de 1936, João Dias da Silveira escreveu o artigo “A excursão no ensino de Geografia”, publicado pela revista *Geografia*. O material foi destinado principalmente para professores do ensino secundário, buscando dar espaço a uma nova forma de ver e pensar o ensino de Geografia. Propondo uma visão menos tradicional para a época, em que as aulas se resumiam a metodologia em que, basicamente, o aluno decorava os conteúdos das aulas.

O artigo sugere uma nova forma de ensinar a aprender a Geografia, tendo como ponto de partida as excursões geográficas, onde os estudantes observariam

na “prática” aquilo que antes ficaria restrito a apenas materiais teóricos vistos dentro da sala de aula.

O texto oferece para o professor um roteiro para a execução das excursões geográficas desde a preparação até o momento de sua volta até a sala de aula, enfatizando aspectos a serem abordados tanto antes como durante e após a excursão, moldando assim, um caminho a ser percorrido a fim de melhor sistematizar o trabalho de campo e levar com que os estudantes obtenham o melhor proveito da atividade.

Além do artigo “A excursão no ensino de Geografia”, João Dias da Silveira escreveu outros textos, entre os anos 1935 a 1972 relacionados à sua área, principalmente sobre a Geografia física, conforme o quadro abaixo.

Quadro 2 - Produção intelectual de João Dias da Silveira publicada de 1935 a 1972

textos	Autor(es)	Ano de publicação
O papel econômico do Mar Mediterrâneo.	João Dias da Silveira	1935
Excursão à Serra do Mar.	João Dias da Silveira	1935
Traços da Demografia Paulista.	João Dias da Silveira	1936
Uma excursão geográfica na região de Mairink-Santos.	João Dias da Silveira	1937
Os climas na época da glaciação quaternária na teoria de Simpson (crítica de Bauling).	João Dias da Silveira	1938
Itatiaia.	João Dias da Silveira	1942
Considerações em torno do Nono Congresso de Brasileiro de Geografia.	João Dias da Silveira	1942
Estudo sobre a evolução da repartição das densidades humanas no Estado de São Paulo.	João Dias da Silveira	1944
A zona de Amparo e suas vizinhanças.	João Dias da Silveira	1944
Seis anos de ensino de Geografia na Universidade de São Paulo.	João Dias da Silveira; Pierre Monbeig	1944
A formação do geógrafo	João Dias da Silveira	1945

moderno.		
Estudo geográfico dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira.	João Dias da Silveira	1946
O ensino de Geografia na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.	Aroldo de Azevedo; João Dias da Silveira	1949
Considerações em torno da geografia tropical.	João Dias da Silveira	1951
Baixas litorâneas quentes e úmidas.	João Dias da Silveira	1952
Aspectos do Marrocos Francês (Fotografias comentadas).	João Dias da Silveira	1952
Morfologia do litoral.	João Dias da Silveira	1964
Concreções ferruginosas, paleosolo e a superfície de cimeira no planalto ocidental paulista.	Maria Margarida Penteado; João Dias da Silveira	1972

Fonte: Banco de dados bibliográficos da Universidade de São Paulo (USP); Universidade Estadual Paulista (UNESP) e *Boletim Paulista de Geografia*, organizado pela autora.

João Dias da Silveira acreditava que os problemas sociais seriam amenizados quando a sociedade atingisse um nível cultural alto, sendo assim, pensava que a educação seria a fonte para cada vez mais produzir cultura naturalmente humana, capaz de despertar no homem a condição de humano. Nesse contexto, a didática escolanovista foi apropriada por alguns autores que sofreram a influência do movimento da Escola Nova durante sua formação acadêmica, incluindo o autor explorado nesta pesquisa.

A Escola Nova ou Escola Progressiva foi um movimento que revolucionou o pensar sobre o ensino nas escolas brasileiras do início do século XX. Idealizada após o lançamento do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” em 1932, esta nova proposta foi lançada com o objetivo de acompanhar o ritmo e as transformações da sociedade da época, afinal, “[...] a escola é o retrato da sociedade a que serve” (Saviani, 2012, p. 37).

Isso significa que o ensino deve ser uma atividade dirigida consoante o desenvolvimento natural, as etapas específicas de crescimento e a concepção de mundo presente em cada aluno e em cada tempo e espaço escolar. Se existem os conteúdos básicos a serem trabalhados nas escolas,

eles se justificariam na medida em que levassem em conta a sua natureza “socialmente útil”. (Azevedo et al., 2010, p.40 apud Batista, 2018, p. 91).

A Geografia foi inserida no contexto escolar nos primeiros anos da República, entre 1910 e 1920, nesse período as discussões nacionalistas e patriotas estavam ganhando força e a matéria em questão era considerada como sendo privilegiada, pois transmitia aos alunos, futuros cidadãos, os valores patrióticos. A educação também passou a ter grande destaque, afinal a educação era uma forma de igualar o Brasil aos países mais desenvolvidos da época. Foi durante esse período que os valores escolanovistas foram inseridos no Brasil.

A Escola Nova defendia o aprendizado através de ações práticas do próprio educando (Santos, 2005), ou seja, os ideais escolanovistas propunham que o aluno não apenas lesse, observasse, repetisse, mas que conseguisse demonstrar os conhecimentos aprendidos através da prática. Para Delgado de Carvalho o ensino de Geografia deveria ser útil ao aluno e este deveria ser capaz de perceber tal utilidade na vida prática imediata.

Carvalho Sobrinho (2001) reforça que a mudança nos métodos pedagógicos, como proposto pela Escola Nova, só seriam efetivas se houvesse uma mudança na mentalidade dos professores. Sendo assim, não adiantaria realizar transformações radicais nas escolas públicas sem incluir os professores nesses novos ideários. Desta forma, teria que transformar a maneira com que os docentes elaborariam as atividades propostas, direcionando maneiras para que ela fosse possível de aplicação. Nesse sentido alguns autores como: Lourenço Lourenço Filho, Delgado de Carvalho, Firmino de Proença e João Toledo contribuíram para este debate.

A grande tendência da época estava na orientação destinada aos professores envolvendo a experimentação, já que a Ciência era considerada como a base para o progresso. Deste modo, a Escola Nova seguiu duas diretrizes principais: 1) A mentalidade de mudanças contínuas, expressas em atitudes de otimismo diante da vida; 2) Dada pelo industrialismo culminado com a democracia, grande tendência do mundo contemporâneo.

Esses dois aspectos indicaram que os professores nas escolas pensassem no fim do autoritarismo, defendendo a liberdade; a afirmação da autoridade interna em detrimento da externa; uma nova finalidade à escola, onde a mesma teria como

objetivo preparar cada indivíduo a se comandar em uma sociedade em constantes mudanças. Desta forma:

A escola deve ser uma réplica da sociedade a que ela serve, urge reformar a escola para que ela possa acompanhar o avanço “material” da nossa civilização e preparar uma mentalidade moral e espiritualmente se ajuste com a presente ordem das coisas. (Saviani, 2012, p. 42).

Contrariando o ensino tradicional, onde os estudos teóricos eram conduzidos apenas pelo professor que regia as aulas seguindo os mesmos processos metodológicos de fixação de conteúdos, a Escola Nova surgiu como forma de transformar o conceito de aprendizagem, sendo compreendida como a assimilação biológica de novas formas de reagir ao meio, ou seja, segundo essa perspectiva só se aprende aquilo que te dá prazer e que as atitudes só são realmente compreendidas através das vivências. Segundo Azevedo e colaboradores (2010, p. 50 apud Batista, 2018, p. 91) no contexto escolanovista não poderia haver espaço para tendências “[...] exclusivamente passivas, intelectualistas e verbalistas da escola tradicional”.

Durante o período da Escola Nova, o debate sobre o ensino e aprendizagem da Geografia ganhou uma forma didática e prática de ser ensinada, valorizando a “atividade do aluno” como ponto fundamental para o início das aulas, sendo assim, os ideais escolanovistas tornaram possível que durante as aulas de Geografia os alunos pudessem aprender através da observação da natureza ou, até mesmo, na utilização de materiais que os facilitasse a ter recordações das paisagens e auxiliassem os estudante na compreensão dos aspectos geográficos trabalhados em aula (Santos, 2005).

A Escola Nova, que, de início, nos coloca perante um projeto de reformulação pedagógica, aos poucos se revela como a emergência de uma nova Pedagogia social, uma teoria de amplo alcance programático cujo objetivo era a construção do Homem Novo e da Boa Sociedade [...] (Monarcha, 1989, p.11-17 apud Mello; Cuani Junior, 2020, p.4).

Tendo em vista que as concepções escolanovistas buscavam a construção do ser, ou seja, a prioridade era promover com que o aluno tivesse um desenvolvimento “natural”, de modo a possibilitar que os estudantes construíssem sua própria personalidade, a aprendizagem no ensino passou a basear-se nos interesses e

necessidades dos alunos, de modo que o simples “aprender” passou a ter outro significado, onde a criança deveria aprender a observar, a pensar e a pesquisar.

Assim, a Didática escolanovista no ensino de Geografia possuía particularidades, indo além da memorização do conteúdo, buscando instigar no aluno o desejo de aprender, através de atividades, materiais e recursos didáticos diferentes dos utilizados convencionalmente pelo professor, como gravuras, fotografias e até mesmo as saídas para fora da sala de aula.

A partir de 1950, durante o governo de Jânio Quadros como governador de São Paulo, começaram a ser desenvolvidos projetos expansionistas que buscavam medidas de interiorização da formação docente em nível superior, esse foi um ponto importante para que ocorre a descentralização do ensino superior, ou seja, nesse período foi pensado a necessidade de levar universidades, principalmente ligadas à licenciatura ao interior do estado, para suprir a falta de professores para atuar no ensino secundário (Bray, 2005; Mauro, 1999).

Em 1957, através da promulgação da Lei nº 3895, foi instituída a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, localizada no interior do estado de São Paulo. João Dias da Silveira foi escolhido para ocupar o cargo de diretor da nova faculdade, iniciando suas atividades no mesmo ano (Mauro, 1999).

O novo diretor em 1960 apresentou para o Conselho Estadual de Educação, um relatório que retratava, com detalhes, a organização e funcionamento de cada curso que seria desenvolvido na faculdade. Dentre as propostas para o curso de Geografia, destacam-se: a criação de laboratórios de geofísica, mapoteca e o melhor desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa, propondo o planejamento e elaboração de trabalhos de campo inter-universitários (Mauro, 1999).

João Dias aposentou-se em 1967, um ano após reassumir a Cátedra de Geografia Física da USP, todavia voltou a ministrar na Faculdade de Rio Claro, pois a considerava como a representação dos frutos do seu trabalho e dos seus anseios como educador.

Em umas das homenagens proferidas a João Dias da Silveira pela sociedade de Rio Claro em 1966, o professor proferiu as seguintes palavras:

Pessoalmente, sentimos que a atividade educacional é algo grandioso. Tivemos, por nós estarmos nessa atividade, o ensejo de ser útil, de particularmente retribuir o recebido. Por inclinação, talvez, mas também por convicção, procuramos ser professor, esforçamo-nos para colaborar na obra da educação (Santos, 1973, p.12).

Em reconhecimento aos trabalhos prestados ao ensino universitário, o professor recebeu, por deliberação unânime, o título de professor emérito pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

Por um quarto do século batalhou por melhores condições de ensino e pesquisa, tendo sido um dos renovadores do ensino da Geografia no Brasil e grande idealizador das pesquisas de campo (Santos, 1973, p.13).

4.2 A contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia no contexto da Escola Nova

Ao abordar a excursão no ensino de Geografia João Dias da Silveira contribuiu para se pensar no que hoje chamamos de trabalho de campo.

Como instrumento, técnica, método ou meio - o trabalho de campo vem a ser toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino escolar. Ou, em decorrência de experiência mais recente vinculada à formação técnica, a observação e interpretação do espaço e suas formas de organização, inerentes à prática social (Silva, 2002, p.3).

A importância concedida ao trabalho de campo nasce de uma corrente filosófica medieval denominada como nominalismo, ou seja, um conceito não pode existir por si só, ele apenas pode ser considerado autêntico com base na experiência ou utilização daquele que o define. É com base nesse princípio que a “verdade” deve ser embasada nas experiências pessoais, ou seja, o conhecimento deve estar voltado para o real e nos processos que se desencadeiam dentro da realidade (Claval, 2013).

As experiências pessoais que constituem o conhecimento científico podem ser estabelecidas de diversas formas, como por exemplo, nas ciências exatas e biológicas a experimentação ocorre em laboratórios, onde o pesquisador evidencia as manifestações estudadas de forma apreciável, assim como, pode através dessa percepção do objeto refutar outras interpretações, afinal, os resultados obtidos foram realizados através de um experimento reproduzido, logo legitimamente universal.

Ao contrário das ciências exatas e biológicas, as ciências humanas não se constroem através de experimentos dentro de laboratórios, mas sim, através da observação do objeto de estudo, sendo assim há a necessidade do pesquisador se mover, fazer pesquisas de campo, comparar lugares e regiões (Claval, 2013).

[...] é no terreno, percorrendo cidades e campos, imergindo nas sociedades autóctonas ou instalando-se nas vilas industriais que o geógrafo, o etnólogo e o sociólogo exploram o mundo e procuram explicá-lo (Claval, 2013, p.2).

Rousseau utiliza dos princípios nominalistas para reconduzir as concepções pedagógicas dominantes até o século XVII, sendo assim, ele determina que o saber seja disseminado para as crianças não apenas na forma verbal, sem estabelecer uma conexão com a realidade, segundo ele, o ensino apenas dentro da sala de aula não fornecerá aos jovens capacidade para formular julgamentos satisfatórios (Claval, 1995 apud Claval, 2013).

Para Alexander von Humboldt, geógrafo, físico, naturalista e explorador, o trabalho de campo não é importante apenas para a realização de coleta de informações, ele é fundamental para a observação de paisagens, assim como, para análise de conjuntos que se relacionam e convém estudá-los.

A saída de campo não serve apenas para recolher dados e assegurar a autenticidade factual dos ensinamentos da disciplina; ela é também o vetor de um entendimento global que não pode ser alcançado de outra forma, o mundo é feito de individualidades que precisamos perceber (Claval, 2013, p.4).

É fundamental proporcionar ao público a possibilidade de compreender as especificidades que não são possíveis de serem observadas através de textos, sendo assim, se faz necessário a utilização de imagens, figuras para que o cenário seja completo.

Segundo Claval (2013) o trabalho de campo serve, principalmente, para garantir a autenticidade das observações coletadas e proporcionar a descoberta de realidades que escapam às outras estratégias de investigação, assim como, tem seu papel fundamental para a formação do cidadão.

Sem a experiência prática, o geógrafo deixa escapar uma parte essencial das realidades que ele tem a intenção de dar conta: aquelas que não são fruto da inteligência, mas da intuição, da sensibilidade, do

gosto, da estética: aquelas que revelam a diferenciação qualitativa do mundo (Claval, 2013, p.4).

Praticar a saída de campo é antes de tudo ter uma visão global daquilo que se estuda: o geógrafo vai de ponto de vista em ponto de vista (Claval, 2013). Na Geografia humana o trabalho de campo não se limita apenas em ir até o local estudado e analisar a paisagem presente, é necessário, muitas vezes, que o pesquisador realize entrevistas ou questionários com os moradores da região para que possa, assim, compreender a realidade dessas pessoas, entenderem as questões sociais daquela determinada região e, deste modo, compreender o espaço como um todo.

[...] a utilização dessa metodologia também pode promover a maior significação dos conteúdos e maior aproximação da realidade dos alunos. Além de a contextualização contribuir para o desenvolvimento de atitudes positivas em relação à ciência, através do reconhecimento de sua importância social, ainda favorece a aprendizagem de conteúdos conceituais, valorizando e estimulando a interação com o conhecimento prévio dos estudantes (Neves, 2010, p.12).

João Dias da Silveira no artigo que analisamos, destacou a sua concepção sobre os principais pontos que os professores de escolas secundárias deveriam considerar para ensinar conceitos de Geografia, por meio das excursões geográficas, envolvendo as saídas do ambiente habitual das aulas: a sala de aula.

As excursões geográficas também eram estudadas e debatidas principalmente por Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980), em sua publicação para a *Revista de Geografia* v.3, nº 4, 1941, o artigo "A Excursão Geográfica" apresentou as excursões geográficas como parte fundamental do ensino de Geografia, pois através delas os estudantes poderiam fixar e revisar os conteúdos já aprendidos em sala, além de que as saídas extraclasse estimulam os discentes a despertarem o interesse para o estudo da Geografia (Menezes, 2011).

O segredo do interesse geográfico está apenas no estabelecimento de contatos com a Natureza, escolhidos com acerto os fenômenos que se processam sobre a superfície do globo ou sobre ele atuam (Carvalho, 1941, p. 666).

Delgado de Carvalho defendia que a Geografia é uma ciência essencial para a formação educativa dos indivíduos, principalmente por se tratar de uma ciência

social, ou seja, aborda principalmente o ponto de vista humano, envolvendo e contribuindo aos estudos das demais ciências sociais.

Para ele a Geografia tem um grande valor na educação, já que proporciona ao aluno uma visão integrada de fatores físicos e sociais que diferenciam as regiões do planeta. Para que seja possível que o estudante possa ter ambas as perspectivas em relação a um mesmo local de análise são dadas dois momentos fundamentais:

O primeiro consiste em conduzir o aluno a localizar os fenômenos ou fatos de forma mais ampla, ou seja, proporcionar que o aluno observe a topografia do local, o clima, a ocupação humana, linhas de circulação e comunicação etc.

O segundo modo é incentivar o aluno a entender sua posição individual no espaço, ou seja, aproximando-o da realidade a qual vive e integrando com a Geografia. De modo, o estudante verá sentido nos conceitos geográficos a partir da aplicação em seu cotidiano. Esse é um ponto essencial para a efetividade do aprendizado através das excursões geográficas: despertar a curiosidade e o interesse do aluno com base no contato com situações reais vivenciadas, buscando o início ao processo de aprendizagem. Somente assim, segundo o autor, os estudantes irão entender os significados e os ensinamentos geográficos.

Com base nas ideias do professor Luiz Alves de Mattos, Delgado de Carvalho discute alguns pontos que considera importantes nas discussões sobre o tema, assim como João Dias da Silveira ressalta em seus estudos três pontos fundamentais na execução das excursões geográficas. Carvalho comenta sobre cinco aspectos a serem analisados anteriormente, durante e posterior ao trabalho de campo.

O primeiro momento é o preparo prévio, onde o professor irá definir os propósitos e os objetivos da excursão geográfica, assim o local onde pretende realizar a visita com os alunos. Feito isso, é fundamental que o docente percorra pessoalmente os locais escolhidos para serem trabalhados durante o campo, de modo que possibilite ao professor enfatizar os seus objetivos principais, assim como, oferecer aos alunos outros pontos que devem ser analisados para enriquecimento do aprendizado. Caso o docente trabalhe durante o trabalho de campo com questões sociais, que envolvam certo contato com indivíduos, é interessante que os envolvidos estejam prevenidos e esperando tal interação, isso tornará esse contato ainda mais valioso para o ensino.

O segundo ponto abordado refere-se ao preparo psicológico, ou seja, sinalizar aos alunos que a excursão não é essencialmente recreativa, mas possui uma função educativa. Para isso, é fundamental que os objetivos sejam discutidos nas aulas anteriores, assim como os tópicos que serão abordados durante o trajeto.

O terceiro ponto está na organização da excursão, assim como sugere João Dias da Silveira, à organização do trabalho de campo pode ser feita por grupos de discentes cada qual ficando responsável por certo ponto da excursão: lista de nomes dos estudantes, horários, alimentação, transporte e itinerários, assim como despesas durante a viagem e outras particularidades que surgirem durante a preparação.

O quarto ponto abordado é sobre a observação dirigida, ou seja, nessa etapa é fundamental construir nos discentes uma consciência do espaço onde está, onde ele saiba se ambientar, compreender e interpretar as paisagens.

Já discuti longamente o sentido geográfico de posição e situação, a necessidade de constituir, no educando, uma consciência do espaço, de dotá-lo de uma faculdade de ver e observar, de se ambientar topograficamente, isto é, de interpretar paisagens geográficas. (Carvalho, 1941, p. 668).

A observação dirigida, segundo o autor, precisa ser exercitada pelos alunos, para isso é fundamental que os próprios discentes se questionem sobre suas dúvidas e busquem respostas para tais, utilizando tanto a parte física, social, quanto a biológica, afinal, é importante que o estudante entenda a complexidade e interligação dos fatos e fenômenos com as diversas áreas do conhecimento.

O quinto e último ponto discutido por Delgado de Carvalho diz respeito aos relatórios das excursões geográficas, sendo assim, é fundamental que os estudantes elaborem essa atividade como forma de estimular e manter a atenção dos mesmos sobre o assunto trabalhado no campo, deste modo os alunos tendem a registrar a descrição das paisagens, as observações feitas pelo professor durante o campo e principalmente suas dúvidas em relação ao que foi visto. Sugere, ainda, que tal relatório seja elaborado individualmente, onde o professor possa ler e discutir com os alunos dentro da sala de aula.

Assim como João Dias da Silveira, Delgado de Carvalho mostra a importância das excursões geográficas no ensino e aprendizagem, utilizando pontos semelhantes de análise entre ambos. Entre esses pontos, podemos destacar a

relevância de trabalhar o meio físico, biológico, social, econômico e histórico para que o aluno consiga entender a interdependência das formas que se pode compreender um mesmo espaço, além de trazer os conceitos geográficos além da sala de sala, trazendo-os para a realidade dos alunos.

[...] a excursão geográfica vem aproximar a Escola da vida real, restabelecer as conexões necessárias e, apesar da complexidade dos fenômenos, torná-los mais vivos, mais significativos, mais cheios de ensinamentos ao mesmo tempo que mais acessíveis aos jovens, incutindo-lhes amor à nossa disciplina (Carvalho, 1941, 668).

Vale ressaltar que mesmo as excursões geográficas sendo de suma importância para o ensino e aprendizagem de Geografia, o autor salienta que há diversas contrariedades dentro das instituições de ensino que dificultam a execução de tais trabalhos de campo, tais como: arranjos de horários, distribuição de tempo e dos recursos necessários para a realização, além da organização da excursão não ser majoritariamente planejada e estruturada apenas pelo professor de Geografia, dependendo da consulta e orientação de outros enviados, o que dificulta a realização e a execução.

Na época, as orientações de Delgado de Carvalho, João Dias da Silveira e de uma vanguarda de geógrafos contribuíram para a constituição do currículo de Geografia para as escolas secundárias.

No ano de 1935, a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) decidiu realizar uma comissão, entre os nomes dos integrantes da mesma destacavam-se os professores Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo e Maria da Conceição Vicente de Carvalho, a fim de propor um novo currículo de Geografia, visando analisar e questionar aspectos relacionados ao ensino da disciplina até o momento, assim como, apresentar conteúdos, orientações metodológicas e idealizações para a escola secundários em relação a mesma.

[...] estava-se estudando, em nível federal, uma reforma do ensino secundário e a AGB não quis alhear-se do assunto vendo, inclusive ali, o momento de propor mudanças benéficas para a Geografia de modo que ela aparecesse como ciência e não aquele arremedo que até então se fazia. A preocupação era a de substituir o antigo sistema puramente de nomenclatura e mnemônico, por uma compreensão científica da matéria, e Monbeig completa: “E nestas condições é dever de todos que se interessam pela Geografia, auxiliar os poderes públicos na difícil tarefa demodernizar o ensino” (Alegre, 2006, p. 216 apud Mello; Cuani Junior, 2020, p.6).

A proposta para o novo currículo foi publicada na revista *Geografia* no mesmo ano, de 1935, tendo duas partes: a primeira possuía “Instruções para o ensino da Geografia” e a segunda abordava a “Distribuição da matéria: elementos da cosmologia e de Geografia Física, Biológica e Humana”.

O novo currículo para as primeiras séries instrua para que os professores ensinassem, em um primeiro momento, às questões elementares fundamentais para o aprendizado de Geografia, já que se os estudantes aprendessem bem esses primeiros conceitos, nas séries posteriores teriam maior domínio sobre os conteúdos já aprendidos e maior facilidade em assimilar os novos conteúdos.

Os professores foram instruídos a evitarem as generalizações, trabalhando principalmente com os fenômenos locais, ou seja, os acontecimentos mais próximos à realidade do aluno, para posteriormente e gradualmente introduzir os conteúdos em escala global.

Torna-se preciso evitar, por todas as maneiras, as abstrações: a Geografia geral ministrada a meninos de doze anos deve partir de fatos concretos e que lhe sejam familiares; sempre que possível o professor se esforçará por começar pela Geografia local ou, pelo menos, brasileira, para conduzir o aluno, pouco a pouco à generalização (Monbeig; Azevedo; Carvalho, 1935, p. 78 apud Mello; Cuani Junior, 2020, p.8).

Cabia ao professor selecionar os conteúdos fundamentais para o ensino de Geografia, de modo a escolher aqueles que seriam de maior entendimento para os alunos, esse método auxiliaria os estudantes a terem maior interesse e desejo de aprender os conteúdos, evitando, assim, a aprendizagem volátil e sem reflexão.

As leituras também faziam parte fundamental dessa nova fase da Geografia escolar, sendo assim, o professor teria que solicitar aos alunos a leitura de conteúdos abordados conforme os temas aprendidos na aula, assim como, nos últimos anos era importante valorizar a oratória, além da exposição oral de artigos científicos e capítulo de livros sugeridos pelo docente.

O novo currículo valorizava a motivação e o desejo de que o aluno buscasse o conhecimento por si mesmo, sendo assim, cabia ao professor instrumentalizá-lo, através de atividades didáticas, a conseguir adquirir esses conhecimentos, além de propor que os professores ensinassem os conteúdos sem excessos e aulas maçantes, respeitando o tempo de aprendizagem de cada aluno.

Também observa-se que a partir do Decreto 19.890 de 19 de abril de 1931, as instruções para o curso secundário da Geografia passaram a considerar que: “O ensino deve ser, quanto possível, realizado no convívio com a natureza, pois que, destarte, se torna apurada a capacidade de observação e ganham os conhecimentos à solidez que só o contacto com a realidade objetiva pode dar”.

Sendo assim, as excursões não deveriam ser compreendidas como meras saídas do ambiente cotidiano escolar, já que possuem o objetivo de trazer um conhecimento novo, não apenas adquirido como, também, sentido através de suas próprias experiências observadas em campo.

Na época era concebido que as excursões possuíam um grandioso valor na aprendizagem e deveriam ser aplicadas com um objetivo definido, a fim de que não seriam apenas passeios de escola ou simples viagens turísticas, mas sim uma importante contribuição para o ensino geográfico do meio. Para isso, João Dias da Silveira propôs três tempos que os professores secundaristas necessitavam pensar para elaborar uma excursão, sendo eles: a preparação, a realização e a volta.

A preparação, como o nome sugere, diz respeito a preparação necessária que o professor deveria realizar com os alunos para que os mesmos não entrassem na região desconhecendo-a completamente.

Para Weiss (1962 apud Batista, 2018) entende-se que na Pedagogia ativa o aluno aprende através do seu conhecimento prévio, sendo assim, nessa etapa o docente poderia elaborar uma aula descritiva expondo os principais aspectos e a problemática a serem analisados durante a saída, podendo utilizar para isso cartas topográficas, fotografias e esquemas, isso faria com que os alunos se sentissem mais à vontade ao entrarem em contato com a área, além de aguçar a curiosidade dos mesmos.

O processo de realização das excursões geográficas possuía como objetivo chamar a atenção dos discentes para os aspectos analisados anteriormente nas aulas. Era fundamental que o professor guiasse os alunos até a solução de suas dúvidas durante a saída, de modo que as explicações fossem apenas relativas, nunca chegando, de fato, até ao problema.

A volta também era fundamental, já que durante a excursão o professor colhia materiais suficientes para serem estudados pelos alunos durante as aulas posteriores, de modo que o conhecimento fosse ordenado de tal forma que o problema geográfico exposto durante a aula de preparação seria totalmente

esclarecido. Os aspectos analisados, os exemplos colhidos, as observações feitas na excursão serviriam em diversas aulas oferecendo grandes vantagens práticas quando relacionadas a conhecimentos vividos pelos estudantes.

Na visão de João Dias da Silveira as excursões eram pouco utilizadas como técnica de ensino pelos professores no ensino da Geografia, sendo assim, a disciplina perdia seu aspecto de estudo da realidade imediata, ficando deturpada, falha e desinteressante. Este fato pode ser observado até os dias de hoje como sabemos.

João Dias da Silveira era um apoiador das ideias escolanovistas, acreditando que as atividades desenvolvidas em classe deveriam ser complementadas e demonstradas na prática. Desta forma, oferece um guia para os professores de Geografia que se interessavam em trabalhar as excursões geográficas.

4. 3 A atualidade do pensamento de João Dias da Silveira nas aulas de Geografia dos estudantes da ETEC de Ourinhos articuladamente ao Projeto “Nós Propomos!”

Com o objetivo de analisar a atualidade das ideias de João Dias da Silveira sobre as excursões geográficas, o Núcleo de Pesquisa em Ensino de Geografia da Unesp de Ourinhos, juntamente com membros do Projeto “Nós Propomos!” Cidadania e Inovação na Educação Geografia” elaborou-se um trabalho de campo. Esta atividade foi inserida nesta pesquisa.

Assim, durante o ano de 2022 os pesquisadores da UNESP realizaram aulas e atividades com 50 alunos do 2º ano do curso técnico de Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio da Escola Técnica “Jacinto Ferreira de Sá”, localizada em Ourinhos/SP. Entre as atividades desenvolvidas, o trabalho de campo foi o foco principal, já que a atividade de campo é uma das fases metodológicas obrigatórias do Projeto “Nós Propomos!”.

Durante o trabalho de campo foram relacionados temas referentes ao descarte incorreto dos rejeitos urbanos no município de Ourinhos, onde está localizada a escola, assim foi discutido qual poderia ser o destino correto para esses resíduos, em especial para os resíduos sólidos, por meio da reciclagem.

Pensando nessa problemática, a Geografia juntamente com a Educação Ambiental são fundamentais para a sensibilização dos estudantes a respeito da

problemática do descarte inadequado dos resíduos sólidos, de modo a que consigam observar o problema e estabelecer de forma coletiva medidas viáveis para a solução dos mesmos. Deste modo, será possível desenvolver uma consciência crítica que possibilite uma transformação na vida das pessoas.

Para esta pesquisa a participação se deu no momento quando foram realizadas aulas expositivas ministradas pelos pesquisadores da UNESP, onde foi apresentado o Projeto “Nós Propomos!” aos estudantes, quais os seus objetivos e a importância da participação dos mesmos, assim como as atividades que seriam realizadas ao longo do ano.

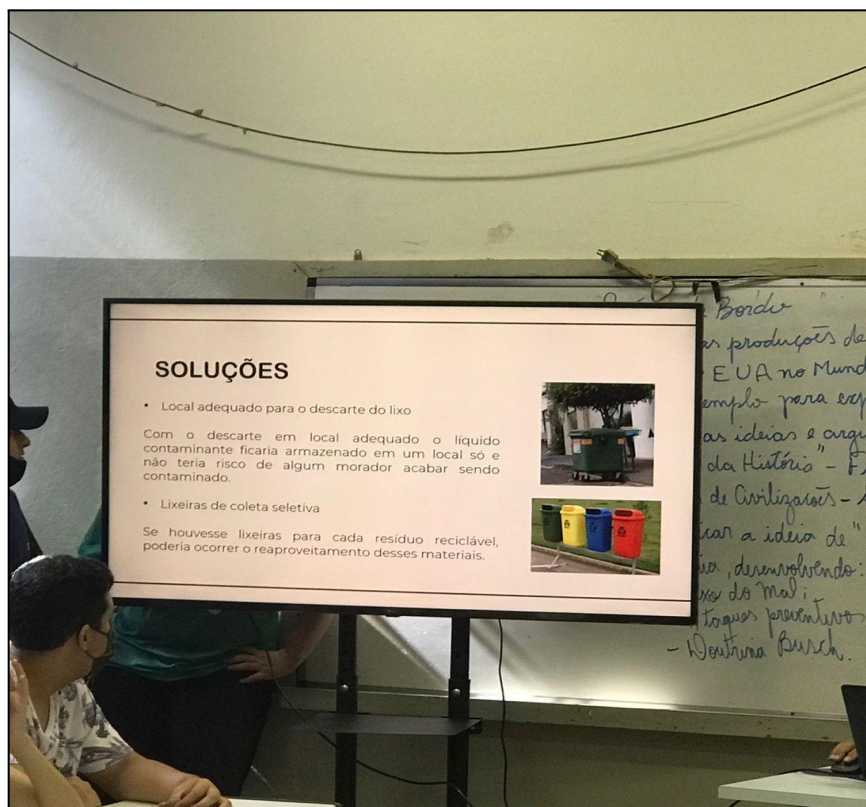
No decorrer das aulas de Geografia do primeiro semestre letivo foram executadas aulas sobre a diferença entre lixo e resíduos sólidos, quais as categorias que são separados os lixos (orgânicos, recicláveis, volumosos etc), além da importância de realizar o descarte correto dos efluentes conforme a classificação de cada material.

Imagem 3 - Aula expositiva sobre o tema “Resíduos sólidos urbanos”



Fonte: Projeto Nós Propomos! (2022)

Imagem 4 - Aula expositiva sobre soluções para melhor descarte dos resíduos sólidos



Fonte: Projeto Nós Propomos! (2022)

Na primeira etapa da atividade foi solicitado que os alunos tirassem fotos de locais cotidianos onde fosse possível verificar que há o descarte incorreto dos resíduos, essa atividade teve como objetivo aproximar os estudantes do problema que está sendo estudado em aula, para compreendessem que o tema é recorrente em diversos pontos do município e requer atenção.

Imagem 5 - Praça Presidente Kennedy/Vila Perino



Fonte: Registro fotográfico dos estudantes da ETEC "Jacinto Ferreira de Sá" (2022)

Imagem 6 - Lago Royal Park



Fonte: Registro fotográfico dos estudantes da ETEC “Jacinto Ferreira de Sá” (2022)

As fotos registradas foram analisadas pelos pesquisadores do projeto, para que fosse elaborado um roteiro com os locais onde seria possível realizar uma visita, juntamente com os alunos da ETEC, para averiguar se após algumas semanas da coleta de fotos os pontos onde foram verificados o descarte incorreto de lixo ainda permaneciam do mesmo modo.

A pesquisa aqui apresentada participou das tratativas com a coordenadora da Cooperativa de Reciclagem de Ourinhos “Recicla”, para possibilitar a ida dos estudantes ao local, durante o trabalho de campo, para que compreendessem o destino correto para os lixos recicláveis, assim como se dá o funcionamento da cooperativa, e, por fim, como o processo interno de reciclagem dos resíduos sólidos.

Para melhor compreensão e futuras análises desta pesquisa foi elaborado um *Caderno de campo* com questões a serem observadas e respondidas pelos alunos durante o trabalho de campo. As perguntas do *Caderno* foram lidas e explicadas aos alunos na aula anterior ao campo, para que fosse possível esclarecer possíveis dúvidas.

Como forma de assegurar que os alunos tivessem o direcionamento correto em relação ao que o professor espera do trabalho de campo e para que possam

realizar anotações que consideram importantes relacionadas aos locais de visitação, foi elaborado um *Caderno de campo* com essa finalidade.

O material foi encadernado com um total de 16 páginas, tendo local para colocar dados pessoais, recomendações, anotações realizadas pelo grupo e as respostas escritas das questões solicitadas. Procurou-se elaborar o *layout* de forma que ficasse didática e atrativa para os alunos, sem muitos textos, dando a oportunidade para que os alunos pudessem escrever, desenhar, colocar suas primeiras percepções etc.

Imagem 7 - Caderno de Campo utilizado no Projeto “Nós Propomos!”

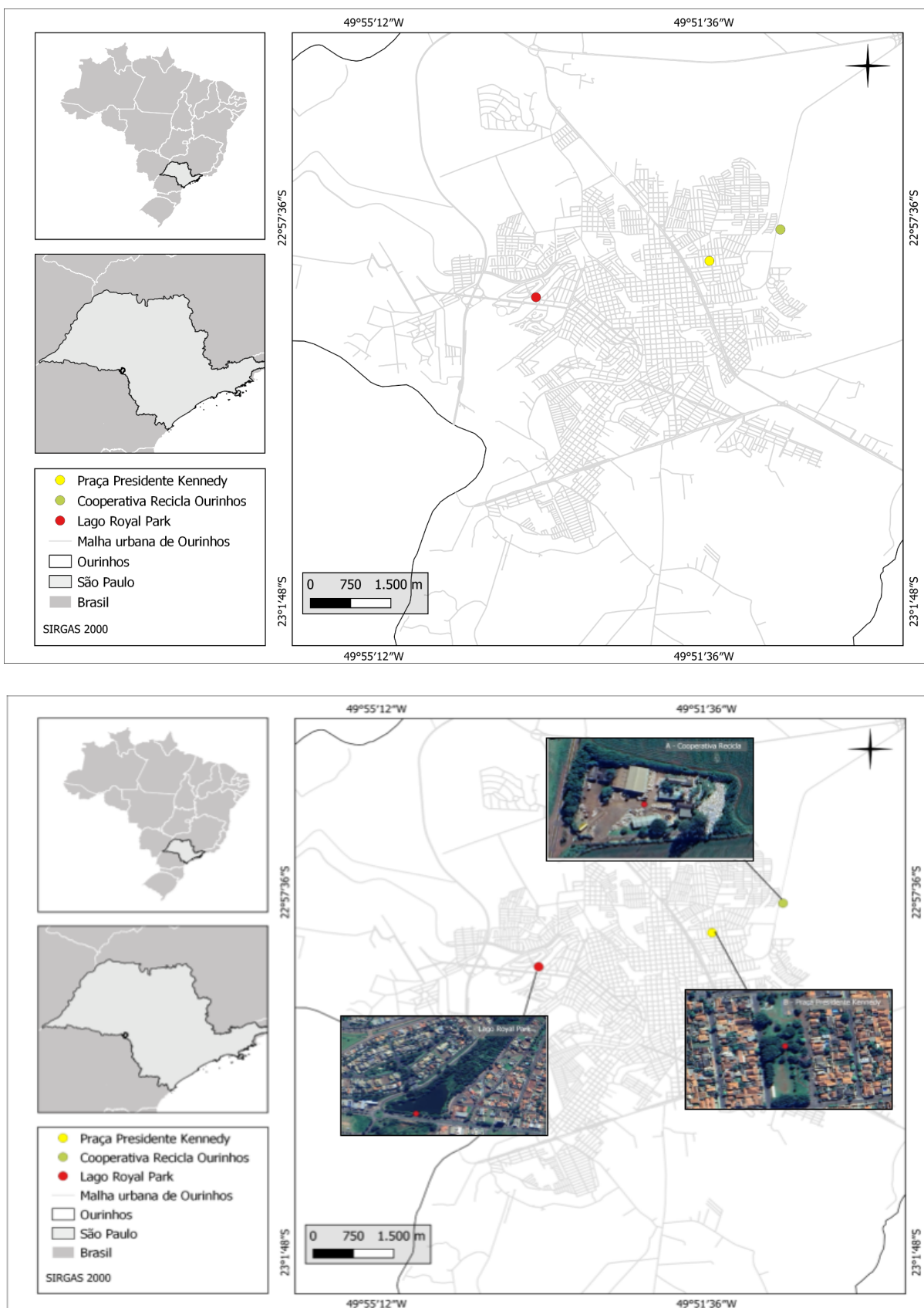
DIÁRIO DO GEÓGRAFO 	Orientações básicas: Registrar a data → Apontar os momentos em que você fez uma observação, anote informações importantes. Tente manter uma ordem cronológica, caso contrário, será difícil encontrar algum tipo de informação. Anotar as pessoas envolvidas no processo → É importante que ao entrevistar as pessoas anote os nomes e as observações que você faz durante as entrevistas. Isso ajudará você a ter um contexto dos resultados oferecidos pelos participantes. Descobrir as informações completas → É importante que você anote os detalhes, o mais específico possível. Caso contrário, ao revisar as notas para fazer seu relatório, você não conseguirá se lembrar de certas informações que podem ajudá-lo a fazer outras análises no estudo.	Anotações:	Anotações:
Questões: Com base nos conteúdos estudados na disciplina de Geografia e o trabalho realizado com os alunos da UNESP, escreva os pontos que se destacam em relação ao meio ambiente e o descarte de resíduos e outros problemas ambientais presentes. Cooperativa:	Praça: Lago:	Desenhe as principais características observadas: Cooperativa:	Desenhe as principais características observadas: Praça:
Pesquisa de Campo - Entrevista Praça: 1- Você costuma frequentar esse espaço com certa regularidade? 2- Sente que é um ambiente agradável e funcional para quem o frequenta? 3- Nota a presença de lixo descartado de forma irregular sempre que passa por aqui?	4- Em sua opinião, o que ajudaria a deixar esse espaço melhor? Lago: 1- Você costuma frequentar esse espaço com certa regularidade? 2- Sente que é um ambiente agradável e funcional para quem o frequenta?	3- Nota a presença de lixo descartado de forma irregular sempre que passa por aqui? 4- Em sua opinião, o que ajudaria a deixar esse espaço melhor?	DADOS DO GRUPO: Data: Curso: Nomes:

Elaborado por: Bera, R.; Carlos, T.; Camargo, L. Pires, N. Projeto Nós Propomos - (2022) - Versão completa disponível em: <file:///C:/Users/Unesp/Downloads/pdf_20221125_140205_0000%20(1).pdf>.

Essa primeira etapa constitui a chamada preparação (pré-campo), ideia fomentada pelo professor João Dias da Silveira, onde é contextualizado aos alunos o tema que será abordado nas próximas aulas, assim como, feitas atividades para que eles tenham conhecimentos prévios e experiências relacionadas ao que será abordado durante o trabalho de campo. O autor também verifica a importância dos docentes terem informações e conhecerem o local onde será realizada a visita dos estudantes, assim poderão desenvolver e articular da melhor forma o roteiro do campo.

No caso do trabalho de campo proposto para os alunos da ETEC foram escolhidos três pontos para a visitação: Cooperativa de Reciclagem: Recicla Ourinhos (Av. Jacinto Ferreira de Sá, 3546 - Vila Sândano); Praça Presidente Kennedy (Vila Perino) e Lago do Royal Park (Rua Henrique Pontara - Nova Ourinhos).

Mapa 1 e 2 - Localização dos locais visitados pelos estudantes



Fonte de dados: Base Cartográfica: IBGE, 2022. **Organização:** Própria autora, 2023.

O trabalho de campo ocorreu no segundo semestre de 2022. Os alunos saíram da escola às 7h30 da manhã com chegada prevista a Cooperativa Recicla Ourinhos às 8h da manhã. Na primeira parte do trabalho de campo na cooperativa, a coordenadora geral realizou uma introdução a respeito do que já havia sido explicado em aulas anteriores: a diferença entre dejetos e resíduos sólidos. Também foi explicado o processo dos resíduos sólidos até a chegada na cooperativa, ou seja, desde a saída das residências, passando pelo transporte, separação dos resíduos em: papel, plástico, vidro e materiais não recicláveis que acabam chegando até a cooperativa por conta da má separação do lixo doméstico.

Imagem 10 - Trabalho de campo Cooperativa Recicla



Fonte: Projeto Nós Propomos! (2022)

O segundo ponto de visita foi à Praça Presidente Kennedy, este local é frequentado por um público grande de pessoas aos fins de semana, já que possui brinquedos para as crianças e diversos *food trucks* de lanches e porções.

A praça havia sido citada na atividade de preparação como sendo ponto de descarte incorreto de resíduos sólidos, além dos alunos terem observado que o local não possuía um lugar adequado para que fosse jogado os resíduos produzidos, levando em consideração que a praça recebe muitas pessoas e que os lanches e porções oferecidos aos fins de semana geram muitos resíduos, os lixos acabavam por ficar jogados a céu aberto em postes ao redor da praça, gerando o chamado “chorume”.

Sendo assim, ao analisarem novamente o local durante o trabalho de campo os alunos notaram que esse espaço ainda permanece sem a quantidade suficiente

de lixeiras para suprir a quantidade de lixo que é produzida, além de estar recebendo os resíduos de forma irregular.

Imagem 11 - Trabalho de campo Praça Presidente Kennedy



Fonte: Projeto Nós Propomos! (2022)

Foram dados 20 minutos para que os alunos pudessem conversar com moradores e frequentadores da praça para que obtenham informações relacionadas ao descarte do lixo e qual a opinião dessas pessoas sobre essa questão. As respostas foram anotadas no *Caderno de campo*.

No local foi proposto que os alunos analisassem formas para que o problema pudesse ser resolvido, como: mais lixeiras, lixeiras de coleta seletiva, placas de conscientização, além de maior regularidade na coleta.

O último local de visitação durante o trabalho de campo foi no lago do Royal Park este que recebe muitas pessoas, principalmente aos fins de semana em busca de lazer, acaba sendo palco para o descarte irregular dos resíduos, principalmente pacotes de salgadinhos, bolachas recheadas etc.

O local possui a presença de lixo próximo às margens do lago, assim como foi observado, em visita prévia, a existência de barquinhos de passeios que aos fins de semana transportam pessoas sob o lago. Essa prática acaba por prejudicar os animais marinhos, principalmente os gansos que habitam o lago.

Na visita foi exposto um breve histórico relacionado a criação do bairro próximo ao rio e como isso influencia na produção de lixo próximo ao lago e, consequentemente, na vida marinha do local.

Imagem 12 - Trabalho de campo lago do Royal Park



Fonte: Projeto Nós Propomos! (2022)

Foi proposto para que os alunos observassem a presença de lixo, quais os lixos mais encontrados, se há lixeiras de coleta seletiva e se são utilizadas, se eles conseguem notar se nesse ambiente ocorre efetivamente a separação do lixo orgânico do lixo reciclado etc. As observações foram anotadas no *Caderno de campo*.

Assim como já havia ocorrido na praça, foi dado 20 minutos para que os alunos conversassem com moradores e frequentadores do lago do Royal Park para que pudessem obter informações relacionadas ao descarte do lixo e qual a opinião dessas pessoas sobre essa questão.

Debateu-se, ainda no local, possíveis ações que podem ser utilizadas para amenizar os problemas causados pelo lixo, sendo citadas: maior quantidade de lixeiras nas margens do lago, com identificação de “orgânicos” e “recicláveis”, projetos de limpeza e conscientização da população.

João Dias da Silveira no que analisamos refere-se ao trabalho de campo como parte essencial no conhecimento e aprendizagem dos estudantes, já que une os conhecimentos já adquiridos por eles com os conteúdos abordados em sala de aula. As atividades realizadas no Projeto “Nós Propomos!” até o momento do campo trouxeram uma abordagem próxima da realidade que os estudantes estão habituados, procurando envolvê-los em cada fase do projeto, desde a escolha dos locais que poderiam ser visitados até as discussões na construção de uma análise crítica sobre as consequências do descarte inadequado do lixo urbano e na busca por soluções possíveis para o problema identificado pelos estudantes.

Outros autores que reforçam a importância da realização dos trabalhos de campo como forma de integrar os estudantes com a realidade são Figueiredo e Silva (2009 apud Silva; Silva; Varjão, 2010, p.189) “[...] a aula de campo surge com um novo sentido onde o aluno agora não é apenas um observador, mas um investigador que procura ser parte integrante da paisagem”.

Após a realização do trabalho de campo, os *Cadernos de campo* dos grupos foram recolhidos pelo professor de Geografia e foram analisados pelos bolsistas do projeto, de modo a esclarecer possíveis dúvidas que surgiram em relação ao tema.

Entre os dias de 15 e 17 de maio de 2023 ocorreu a XIII Semana de Ciências Humanas da ETEC Jacinto Ferreira de Sá, evento este que é realizado anualmente na instituição desde o ano de 2012, fechou o Projeto “Nós Propomos”, assim como a última etapa proposta por João Dias da Silveira, sendo o pós-campo.

Esse evento contou com a participação dos alunos da ETEC, dos estudantes bolsistas da UNESP, além de professores de ambas as instituições de ensino. Foi convidado para fomentar o diálogo sobre as observações e verificações dos estudantes ao longo do projeto o prefeito municipal de Ourinhos, juntamente com o Secretário de Meio Ambiente e Agricultura do município.

O primeiro momento consistiu na exposição dos problemas cotidianos do município nas perspectivas dos alunos, entre eles os pontos visitados durante o trabalho de campo, bem como foi mencionado as possíveis soluções, identificadas pelos estudantes, para que seja possível sanar os problemas identificados.

Na Praça Presidente Kennedy os alunos haviam apontado questões relacionadas à quantidade insuficiente de lixeiras, não haver lixeiras especializadas na coleta seletiva, sendo assim, propuseram que fosse aumentado as lixeiras para lixo orgânico e fosse adicionado lixeiras especializadas para a realização da

reciclagem, além de placas de conscientização para que incentivar o descarte correto.

No Lago do Royal Park foi identificado a poluição do lago, devido às suas águas apresentarem coloração esverdeada e turva, vegetação recobrimdo a superfície do lago, bem como lixo, em sua maioria plástico, aos arredores. Como recurso para a diminuição e minimização dos impactos ambientais decorrentes da poluição do lago, foi proposto a limpeza recorrente do local, o aumento de lixeiras tanto de orgânicos quanto de recicláveis, além da conscientização da comunidade e visitantes através de placas.

O prefeito de Ourinhos ao final da fala dos estudantes demonstrou grande satisfação com a forma que o projeto “Nós Propomos!” foi aplicado na escola e os resultados obtidos pelo mesmo. Mencionou as medidas viáveis que poderiam ser feitas pela prefeitura nos locais mencionados pelos alunos, assim como projetos que já estão sendo idealizados e aplicados no município, entre os mencionados pelo prefeito estão: Projeto de Proteção às Nascentes, melhorias na coleta de lixo, principalmente de resíduos volumosos, evitando de fiquem acumulados, assim como mencionou que já foi aberta uma licitação para a compra de lixeiras que serão instaladas por toda a cidade.

A médio prazo o prefeito comprometer-se a instalar Ecopontos em determinados locais para que se possa prevenir que determinados tipos de resíduos, tais como os recicláveis e os volumosos, sejam descartados em vias públicas, em terrenos baldios ou em outros locais que não são apropriados para o descarte e que acabam gerando contratempos para os moradores e frequentadores desses locais.

Imagem 13 - Encerramento do Projeto “Nós Propomos!” com a participação do Prefeito Municipal de Ourinhos



Fonte: Projeto Nós Propomos! (2023)

Os problemas observados pelos alunos em relação aos resíduos sólidos estão espalhados pela cidade e comprometem a vida cotidiana daqueles que frequentam esses locais, sendo assim é fundamental que o poder público, representado pelo Prefeito Municipal e pelo Secretário de Meio Ambiente e Agricultura, busquem medidas para sanar ou diminuir os problemas observados e que fazem parte da realidade do município, além de usualmente consultar a população para saber a realidade cotidiana e os problemas enfrentados, assim como a solução que os mesmos dariam para solucionar essas adversidades. Cumprindo assim, o objetivo do projeto:

[...] envolver a escola e a comunidade na resolução dos problemas e convidar os representantes do poder público para dialogar e terem ciência das demandas e problemas da cidade ou do campo” (Carvalho Sobrinho, 2021, p. 126).

Assim como ressaltou João Dias da Silveira em sua bibliografia, a volta do trabalho de campo é o momento crucial para os alunos agruparem as ideias, vivências e observações que foram colhidas em campo, com o propósito de refletir sobre o que foi proposto durante as aulas de preparação para o trabalho de campo e

as experiências obtidas após a realização do mesmo. Nesse momento, além da reflexão sobre o trabalho de campo, foi proposto a discussão para fomentar a participação cidadã e o protagonismo dos estudantes sobre questões que afetam seu cotidiano.

Assim como menciona o autor estudado neste trabalho, os conhecimentos adquiridos na atividade até aqui descritas são fundamentais para que os estudantes desenvolvam uma percepção crítica, reflexiva e própria sobre as problemáticas, tanto positivas quanto negativas, da cidade onde moram a fim de num futuro, não tão distante, consigam exercer melhorias na qualidade de vida dos habitantes.

Vale ressaltar que cada observação é ímpar, sendo assim, cada aluno terá uma visão diferente sobre determinado assunto envolto no trabalho de campo, já que cada indivíduo é um ser único, com experiências e aprendizagens diferentes.

Não há possibilidade de dois estudantes passarem pelas mesmas experiências de aprendizado, com os mesmos resultados, sejam quais forem as tarefas padronizadas impostas. O aprendizado de trabalho de campo é um 10 empreendimento individual ao qual se pode e se deve emprestar valor positivo pelas recompensas de melhoria na comunicação efetiva com os outros, sobre experiências que não podem deixar de ser idiossincráticas mas que, mesmo assim, podem ser transformadas em relato explícito útil [...] (Junker, 1971, p. 7).

4.4 Análise dos *Cadernos de Campo*

A turma do curso de Meio Ambiente da ETEC - Jacinto Ferreira de Sá/Ourinhos - SP foi dividida em seis grupos de três a quatro integrantes. Cada equipe recebeu um *Caderno de campo* para realizar as anotações e atividades solicitadas. Ao final da atividade didática extraclasse, as anotações de campo foram devolvidas para o professor responsável pela disciplina de Geografia e entregues para serem analisadas pelos bolsistas do projeto “Nós Propomos!”.

Ao realizar a leitura e análise dos *Cadernos de campo* pode-se perceber que a maioria dos grupos ressaltou a importância da Cooperativa Recicla na vida dos trabalhadores que efetuam a coleta e separação dos resíduos sólidos. Esse dado mostra a relevância que o trabalho de campo proporciona para os estudantes, já que, atualmente a Educação Ambiental se faz presente nas escolas brasileiras e com ela, o estudo sobre as questões ambientais, mas apenas através da atividade realizada os discentes puderam observar a realidade que vai mais além da relação

de sociedade - meio ambiente, como puderam testemunhar uma realidade que para muitos é desconhecida: a importância social da coleta seletiva como fonte de renda.

Na Cooperativa cerca de 85 famílias tiram seu sustento do trabalho com a Reciclagem, esse dado foi informado pela gestora da Recicla, que mencionou que muitos os trabalhadores são de classes excluídas socialmente, tais como: ex-presidiários, idosos, analfabetos, sendo assim, possuem dificuldade para conseguirem outras oportunidades de emprego e, felizmente, são recebidos pela cooperativa.

A análise afetiva que os estudantes tiveram ao observar a história da Cooperativa Recicla, assim como as muitas histórias por trás do processo da reciclagem é de suma importância, não apenas para a formação acadêmica e profissional dos mesmos, como para a formação cidadã desses alunos, onde sabendo das diversas desigualdades e exclusões sociais podem desenvolver ações de superação dessas dificuldades, assim como, à medida que conhecem tais impactos podem se comprometer a auxiliar na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

[...] são ferramentas preciosas que permitem mostrar aos alunos que o espaço é algo dinâmico e que as vivências e as reflexões espaciais influenciam a sociedade em todo momento e só reconhecendo-se como integrante deste movimento é que se constrói a cidadania e este é um desafio constante para as aulas de Geografia. (Oliveira; Mendonça, 2003, p. 14).

A Geografia moderna convive com a discussão da dualidade entre as áreas Física e Humana. Durante o trabalho de campo, as anotações feitas e a análise dos *Cadernos de Campos* pode-se notar que os estudantes observaram, principalmente na visita a Cooperativa de Reciclagem, o espaço como um todo, a inter-relação entre o meio ambiente e a sociedade, entre a Geografia Física e a Geografia Humana, integrando-as da forma complexa, portanto, rompendo tal dicotomia.

Também relacionando a importância do projeto realizado pela Cooperativa Recicla, tanto para o meio ambiente, quanto para os habitantes do município, os alunos utilizaram da base teórica sobre conceitos já adquiridos durante a formação acadêmica, associando-os com a proposta do trabalho de campo, tal como pode-se observar na explicação adquirida através do *Caderno de campo*.

O trabalho realizado na Cooperativa ajuda a reduzir o volume de lixo destinado aos lixões a céu aberto, onde evita a contaminação do solo e os riscos à saúde humana. Além de contribuir para o desenvolvimento socioambiental, a extensão da vida útil de produtos e embalagens por meio da coleta, separação e fornecimento da matéria-prima secundária (Alunos do 2º ano do Ensino Médio da ETEC de Ourinhos, 2022).

Outro aspecto notável na investigação dos estudantes através das entrevistas realizadas com moradores e frequentadores dos locais em que foram realizados o trabalho de campo diz respeito ao fato de que alguns entrevistados não se sentem incomodados com a presença de resíduos sólidos despejados inadequadamente nesses lugares ou, ainda, que demonstraram certa satisfação, pois já presenciaram os espaços mais poluídos devido ao lixo.

Analisando as respostas dos entrevistados durante o trabalho de campo, frequentadores rotineiros que utilizam a área para lazer e como espaço de convivência, nota-se que provavelmente esses espaços não recebiam políticas públicas para sanar o problema do lixo urbano, já que atualmente o espaço esteja deficitário, porém percebe-se que medidas foram tomadas recentemente para a melhoria dos locais.

Temos como exemplo a Praça Presidente Kennedy visitada em campo, que na primeira aproximação dos estudantes ela não possuía lixeiras e os resíduos ficavam acomodados ao redor do poste de energia elétrica, após cerca de um ano o espaço ganhou lixeiras para coleta de lixo, mesmo que não sejam suficientes para a quantidade de lixo produzido e não possuindo a separação dos resíduos, pode-se notar que houve um avanço na visibilidade dos problemas ambientais decorrentes do acúmulo de lixo e uma conscientização ambiental dos moradores e frequentadores da praça em relação ao problema do lixo urbano.

Pode-se notar algo semelhante nas entrevistas realizadas no lago do Royal Park, este que no ano de 2021 os alunos observaram, através da atividade proposta pelo projeto, que o lago estava sofrendo com o processo de eutrofização, ou seja, o processo de enriquecimento das águas com nutrientes, principalmente fósforo e nitrogênio (Rastet al., 1989).

Os nutrientes subsidiam o crescimento dos produtores primários (ex. fitoplâncton e macrófitas aquáticas) e na situação quando o nitrogênio e o fósforo não se constituem em fatores limitantes, ocorre o crescimento excessivo dos vegetais (Rast et al., 1989).

Sendo assim, durante o trabalho de campo notou-se que a eutrofização, no corpo d'água havia diminuído consideravelmente. Uma hipótese ressaltada pelos alunos para a diminuição da poluição no local estaria no fato de que recentemente o Lago do Royal Park se tornou ponto turístico da região, o que poderia ter incentivado os órgãos municipais a buscarem medidas para deixar o ambiente mais agradável para os frequentadores e visitantes.

Essas análises se fizeram através das respostas dadas às entrevistas realizadas pelos alunos, demonstrando a importância que as mesmas possuem em um trabalho de campo, afinal, é através delas que se pode coletar dados sobre uma ocorrência, sobre um fato na visão dos integrantes diretamente afetados por esses acontecimentos. Além de fomentar a interação, a leitura através de experiências cotidianas e a investigação dos estudantes durante a atividade em campo.

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado fenômeno é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Por meio dela os pesquisadores buscam coletar dados objetivos e subjetivos. Considera-se a entrevista como uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas (Batista; Matos et al, 2017, p.2).

As entrevistas no âmbito da Geografia, são fundamentais para compreender as adversidades, os contratempos que um indivíduo ou uma comunidade enfrenta em seu dia a dia na perspectiva dela e, assim, elaborar uma análise crítica voltada à solução dessas dificuldades, tal como o objetivo do trabalho de campo proposto.

Sendo assim, é relevante que o aluno entenda as transformações sociais que ocorrem no espaço urbano, principalmente por se tratar não apenas de indivíduos que sofrem com as transformações na rede urbana diariamente, mas que também são agentes modeladores do urbano, que contribuem dia após dia para sua formação.

Outro ponto relevante a ser mencionado é a importância da Educação Ambiental no currículo das escolas de Educação Básica, destinada e orientada para sanar problemas ambientais através da interdisciplinaridade e pela participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade.

As atividades de Educação Ambiental (...) permitem aos alunos, oportunidades de desenvolver uma sensibilização a respeito dos seus problemas ambientais e buscar formas alternativas de soluções (Dias, 2004. p. 217).

Através dela podemos discutir a conscientização ambiental para os estudantes e futuros cidadãos, já que a Educação Ambiental possibilita a difusão de experiências e tornam esses indivíduos capazes de agir para resolver problemas ambientais no presente e, principalmente, no futuro.

A percepção ambiental é hoje, um tema recorrente que vem colaborar com a consciência e prática de ações individuais e coletivas, desse modo, o estudo da percepção ambiental é de tal relevância para que se possa compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, suas satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas. (Cunha; Leite, 2009, p. 68).

Segundo a Conferência intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em 1977, a Educação Ambiental deve estar presente em todas as fases do ensino formal e não formal, analisando as questões ambientais no ponto de vista local, regional, nacional e internacional, analisando o meio ambiente em sua totalidade e complexidade, assim como prezar para o desenvolvimento de estratégias críticas para a resolução dos problemas ambientais.

Deve também, desenvolver o senso crítico e as habilidades humanas necessárias para resolver tais problemas e utilizar métodos e estratégias adequadas para aquisição de conhecimentos e comunicação, valorizando as experiências pessoais e enfatizando atividades práticas delas decorrentes (Pelicioni, 1998, p. 20).

De acordo com a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92) realizada no estado do Rio de Janeiro em 1992, a Educação Ambiental deveria:

Reorientar a educação para o desenvolvimento sustentável de forma a compatibilizar objetivos sociais de acesso às necessidades básicas; com objetivos ambientais de preservação da vitalidade e diversidade do planeta garantindo como direito aos cidadãos um ambiente ecologicamente saudável e com objetivos econômicos; aumentar a conscientização popular; considerar o analfabetismo ambiental e promover treinamento (Pelicioni, 1988 p. 21).

Sendo assim, é fundamental que a Educação Ambiental esteja ao alcance de todos e seja difundida tanto nas escolas quanto para a comunidade, de modo a fomentar o pensamento crítico e ideológico, promovendo mudanças e transformações ativas na sociedade e na qualidade de vida, além de promover cotidianamente a construção da cidadania.

A Educação Ambiental de forma geral busca formar seres humanos conscientes, críticos e éticos, aptos a possibilitar uma sociedade mais sustentável à geração atual e futura, considerando a natureza como um bem comum (Sader, 1992 apud Pelicioni, p.29).

Sendo assim, analisando as respostas obtidas pelas entrevistas realizadas pelos alunos, podemos notar que os frequentadores dos locais possuem um grande apreço ao espaço e fica nítido a preocupação e insatisfação dos mesmos quanto a poluição visual e sanitária causada pelo descarte irregular dos resíduos sólidos.

Com políticas públicas ineficazes, é indicado que deve-se aplicar políticas de Educação Ambiental nessas localidades e trabalhadas junto com a comunidade através de ações educacionais para tornar o local mais agradável e atrativo para o público, estabelecendo uma relação saudável com o meio ambiente.

Assim como menciona o professor João Dias da Silveira, é fundamental que o docente após a realização do trabalho de campo integre os conhecimentos obtidos pela atividade com a Geografia. Nesse caso, levando em consideração o tema trabalhado durante o pré-campo e campo, é importante que o professor destaque para os alunos que o descarte incorreto é decorrente de um problema maior: o aumento acentuado da produção de resíduos sólidos nas últimas décadas, principalmente na área urbana.

Esse aumento se deve principalmente à intensa ocupação das áreas urbanas e ao estilo de vida adotado pela população, que cada vez mais consome de forma descontrolada, tanto de serviços quanto e, principalmente, de produtos. Essas questões são fundamentais a serem trabalhadas com os estudantes em atividades e discussões pós-campo.

4.5 Dificuldades da realização do trabalho de campo nas escolas públicas

Na Geografia o trabalho de campo se torna essencial para o ensino e aprendizagem dos alunos, já que através dele podemos ter dimensão das relações entre sociedade e espaço, entre a ação da sociedade humana e a modificação da paisagem, entre os interesses do capital e a sobrecarga ao meio ambiente (Campos, 2016). Assim como é um importante incentivo para que os alunos sejam capazes de questionar sobre aspectos da realidade vivida por eles.

Tendo em vista sua relevância para o ensino, por que muitas vezes o trabalho de campo não é aplicado nas escolas públicas brasileiras?

Entre as principais dificuldades que os docentes encontram para a aplicação dessa atividade extraclasse, podemos mencionar a falta de recursos financeiros para tal. As escolas públicas além de contarem com um orçamento reduzido, possuem grande quantidade de turmas e alunos matriculados, o que torna os gastos ainda maiores e de difícil financiamento.

Podemos também observar a dinâmica das escolas públicas que não favorecem a realização da excursão, já que que muitas vezes, por conta do calendário escolar estabelecer períodos curtos para a execução das atividades pedagógicas propostas, os docentes ou precisam acelerar o ensino dos conteúdos ou suprimi-los, o que dificulta, ainda mais, a execução dos trabalhos de campo pela falta de tempo hábil para efetuar as etapas necessárias para a realização, já que não o mesmo não pode impossibilitar a realização de outras atividades escolares.

Para auxiliar nas dificuldades enfrentadas pelos professores para realizarem os trabalhos de campo, foi elaborado um questionário em outubro de 2023, através do *Google Forms* e aplicado para o professor Carlos Renato Asakawa Novais.

Formado na Universidade de São Paulo (USP) em 2007, atua desde 2008 na rede pública de ensino do município de São Paulo, possuindo uma vasta lista de trabalhos de campo realizados, incluindo intermunicipais e interestaduais. Recebeu no ano de 2017 o 2º Prêmio Territórios Educativos 2017, pelo Instituto Tomie Ohtake pela sua participação na elaboração de trabalhos de campo com alunos de escolas municipais.

Adicionado a isso, o professor Carlos Renato Asakawa Novais através das respostas ao questionário realizado pela pesquisadora (Apêndice 1) mencionou como um dos principais obstáculos a falta de gestores escolares que acreditem no projeto proposto pela atividade.

Pensando nas diversas escolas que atuei, a principal dificuldade está em encontrar alguém que realmente acredite no projeto, neste sentido ter uma gestão que realmente apoie o projeto (como encontrei com destaque na prefeitura e em outra escola) é fundamental, conquistando esse apoio os outros vão ser vencidos de modo mais tranquilo (Novais, 2023).

Além disso, é preciso conhecer os processos burocráticos, já que para a saída tanto dos estudantes como dos professores precisam de autorizações prévias.

No caso citado para os docentes é necessário enviar a solicitação de saída do município para o Diretor Regional de Ensino, Secretário Municipal de Educação e Prefeito, quando for realizado trabalhos de campo intermunicipais, juntamente com as informações do projeto 30 dias antes da saída.

Também é necessário a autorização dos responsáveis pelos estudantes para realizar a saída da escola, informando em detalhes os locais a serem visitados, os objetivos da excursão e os cuidados necessários com a segurança (Garrossino, 2023). O professor Carlos recomenda, ainda, para alunos menores de 16 anos a autorização com firma reconhecida em cartório, para que não ocorra nenhuma adversidade.

Outros motivos relevantes para a falta da prática do trabalho de campo está na dificuldade em conseguir transporte gratuito, a distância entre os locais que serão analisados pelos estudantes, falta de apoio da administração escolar para a realização, dificuldade da colaboração entre os demais professores, com o objetivo de relacionar os conteúdos de outras disciplinas e dividir as responsabilidades, além da falta de preparo para o planejamento e execução do trabalho de campo (Mafra; Flores, 2017).

O professor também menciona como obstáculo a formulação e escrita do projeto em si, este que exige um bom domínio do espaço estudado e articulação do docente, além da responsabilidade pelos alunos durante o trabalho de campo, que acabam por intimidar os docentes para dar início a um projeto como este.

[...] forma de construção do projeto também são elementos que exercem dificuldade, aliás, a escrita de um projeto por experiência é um ponto que acaba sendo uma grande barreira para um grupo significativo de docentes com que conversei. Sair com um aluno acaba gerando um grande peso no quesito responsabilidade e acaba assustando alguns professores, em especial quando falamos de saída para outros municípios como tenho costume de fazer (Novais. 2023).

Embora haja empecilhos para a realização do trabalho de campo nas escolas, é necessário levar em consideração a abordagem didática e a importância da atividade na aprendizagem e construção cidadã dos estudantes. Sendo assim, há formas em que os professores podem se contrapor às dificuldades encontradas, uma delas é buscar, através da direção escolar, parcerias que possam auxiliar no financiamento dos gastos.

No caso da ETEC de Ourinhos, o meio para a realização do trabalho de campo proposto nesta pesquisa, através da parceria UNESP-ETEC, assim conseguiu-se o financiamento do transporte dos estudantes pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Cultura (PROEC) que ofereceu como auxílio o valor de R\$ 1.000,00 para a locação do ônibus. Provavelmente sem esse subsídio o trabalho de campo seria inviável.

Outra forma eficiente de realização do trabalho de campo nas escolas é através de ajuda de voluntários que podem auxiliar na logística e na segurança dos alunos durante a atividade, como os pais dos alunos e a comunidade escolar, assim como menciona Garrossino (2023).

Para Carlos Renato o ponto chave para a realização dos trabalhos de campo é o planejamento prévio para a execução da atividade. Em um primeiro momento ter um projeto aprovado pelo Conselho Escolar, já estando incluso no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, estando incluso a previsão de gastos, através do roteiro já definido é importante solicitar a taxa de isenção de entrada em locais que as necessite, visto que estamos trabalhando com escolas públicas e a atividade deve ser gratuita.

O planejamento do docente para a realização é fundamental para o êxito do projeto, já que programar e estabelecer um passo a passo é uma maneira de prover segurança e menores chances de que ocorra algum empecilho, seja antes, através da articulação com a escola, elaboração e envio de documentações, ou durante o trabalho de campo, estabelecendo as atividades que serão realizadas, a forma com que serão feitas, os objetivos da atividade de modo a demonstrá-los para os gestores da instituição em busca de aprovação para o projeto.

Como já foi mencionado anteriormente, o trabalho de campo é uma interessante forma de incentivo e aprendizagem para alunos, ao longo dos 12 anos de realização desse tipo de atividades extraclasse, o professor Carlos Renato menciona que os trabalhos de campo “tornam o ambiente de aprendizagem de conteúdos escolares mais significativos [...] garantindo a apropriação dos territórios, interações com os potenciais educativos e saberes locais”.

Além da democratização do acesso a locais que talvez os alunos não teriam a oportunidade de conhecer, referindo-se às saídas para outros municípios, mas pode-se ser aplicado ao próprio município, como a Cooperativa Recicla, onde poucos alunos possuem o ensejo de visitar.

Possibilitar saídas para outros municípios, já é um aspecto positivo, uma vez que democratiza o acesso a pontos que alguns teriam dificuldade de ir. Se pensarmos que estou em uma escola de educação integral em tempo integral, contribuir para uma formação integral que vai além dos conhecimentos específicos também figura como ponto positivo, pois contribui para o desenvolvimento das dimensões social, emocional, físico, cultural, intelectual e emocional (Novais, 2023).

Vale ressaltar que a prática do trabalho de campo é um diferencial na aprendizagem dos estudantes e dos professores. Através dele, os discentes podem obter um novo olhar e o contato efetivo com a realidade, enquanto os docentes podem e devem estabelecer trocas de experiências adentrando no universo dos alunos, de forma a estabelecer com conhecimento plural e multidisciplinar.

Salienta-se que cada experiência de campo é única e variável de acordo com os objetivos de cada professor. Para João Dias da Silveira a etapa da volta do trabalho de campo é a de maior relevância, pois é nesse momento que o docente discute os problemas expostos em aulas e as observações feitas durante o trabalho de campo, de forma a sanar as principais dúvidas dos discentes.

Já para o professor Carlos Renato as análises e discussões funcionam, com base em suas vivências dentro da sala de aula, quando feitas durante a atividade, tornando a etapa da volta mais trivial.

A volta, pensando no ensino fundamental II, é uma etapa interessante, mas pelas experiências que desenvolvi e pelo calendário que tenho à disposição é uma etapa que desenvolvo com um peso menor, pois o antes e durante busco valorizar mais, e durante o campo já vou consolidando alguns pontos. Além disso, na prefeitura onde desenvolvo com uma regularidade semestral, tenho vários alunos que refazem a experiência, no planejamento vou retomando roteiros anteriores desenvolvidos (Novais, 2023).

Sendo assim, como mencionado, Silveira elabora um roteiro com instruções para auxiliar os docentes a trabalharem as excursões geográficas, contudo não necessariamente o professor deve seguir rigorosamente as orientações. O trabalho de campo deve ser adaptável para cada perfil de turma e com base nos objetivos e modo de ensinar de cada professor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

João Dias da Silveira foi um importante professor e geógrafo, ofereceu diversas contribuições para a área acadêmica, como docente e diretor de universidades reconhecidas no Brasil, além de ter oferecido aos professores secundaristas uma nova forma de ver e pensar a Geografia.

Por muitos anos os processos ativos de ensino não estavam presentes nas salas de aula e os professores pouco sabiam como direcionar suas aulas fora do modelo tradicional. João Dias da Silveira foi um dos precursores desse modelo de ensino, que incentivava com que os alunos compreendessem os conceitos geográficos através das saídas a campo, ampliando os conteúdos já estudados em sala de aula.

Para que fosse possível aplicar as excursões geográficas nas aulas de Geografia do ensino secundário, João Dias da Silveira elaborou um roteiro com os principais pontos sugeridos para o planejamento de um trabalho de campo, contendo: a preparação, as observações durante a excursão e a volta da mesma, oferecendo os docentes meios e materiais que podem ser utilizado para a realização dessa atividade extraclasse, que iriam oferecer aos alunos maior aprendizado e compreensão dos temas abordados nas aulas de Geografia.

Na atualidade podemos compreender que o pensamento de João Dias da Silveira foi importante para fomentar o que hoje os professores aplicam e denominam de trabalho de campo.

Do seu pensamento inicial as orientações dadas por ele são de grande valor, já que envolve os estudantes desde o primeiro momento, instigando a curiosidade e o interesse nas áreas estudadas. Na aplicação do trabalho de campo realizado nessa pesquisa os alunos puderam participar desde a escolha dos locais que seriam visitados, configurando assim, a etapa de preparação mencionada pelo autor, passando pela análise e discussão dos problemas relacionados ao lixo urbano nas áreas, essa que são as observações dos alunos durante a atividade, até concluir a atividade encaminhando formas de amenizar os incômodos encontrados nas áreas observadas para o Poder Público do município de Ourinhos, finalizando a última etapa de sinterização dos conhecimentos obtidos durante o trabalho de campo.

Essa técnica de ensino atualmente é favorecida pelo uso de tecnologias, visto que os estudantes possuem acesso mais facilmente a aparelhos celulares e

computadores, onde podem registrar a localização e através de fotos os locais visitados, realizar pesquisas e consultas relacionadas a temática do trabalho de campo.

O trabalho de campo associa a teoria vista em sala de aula com a prática, de modo a proporcionar que os alunos tenham contato com seu objeto de estudo, além de aprimorar a capacidade de inter-relacionar os conhecimentos adquiridos na escola, além de promover a cidadania ativa dos alunos.

Por esses motivos, os professores de Geografia têm um importante aliado que é o trabalho de campo, visto sua relevância na aprendizagem dos estudantes, mas também há diversos desafios para a prática frequente da atividade, principalmente nas escolas públicas, entre eles podemos citar o custo do transporte para deslocamento e a dificuldade de consegui-lo gratuitamente, o estreito calendário escolar que pode dificultar o planejamento do docente para a execução do mesmo e a falta de suporte da unidade escolar.

Vale ressaltar que com os anos, principalmente na academia, as excursões geográficas passaram-se a receber o nome de trabalho de campo, apesar da mudança da nomenclatura, o objetivo de produzir conhecimento através das experiências dos estudantes relacionando-os com as temáticas desenvolvidas dentro da sala de aula permanece.

As etapas mencionadas por João Dias da Silveira em seu artigo, dão suporte para a execução das atividades de campo, mas vale reforçar que o trabalho de campo é flexível e adaptável, ou seja, o docente pode priorizar a etapa que considera de maior relevância para ser trabalhada, avaliando as dificuldades e o aprendizado das turmas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins. Dois momentos na história da Geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 19-51, jul./dez. 2011.
- BATISTA, Bruno Nunes. Ensino de Geografia, Escola Nova e algumas fontes da Pedagogia missionária. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 25, n. 4, out./dez. 2018.
- BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, 2017.
- BRAY, Silvio Carlos. A Geografia em Rio Claro - São Paulo: A Trajetória de uma Escola. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – São Paulo. *Anais...* São Paulo, USP, 2005. p. 2344-2364.
- CAMPOS, Beatriz Moreto de. **Geografia e estudo do meio: uma metodologia interdisciplinar para além da sala de aula**. 2016. 45 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Campus Experimental de Ourinhos, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Ourinhos, 2016.
- CARVALHO, Delgado de. A excursão geográfica. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro. IBGE, v. 3, n. 4, p.864-873, out./dez. 1941.
- CARVALHO SOBRINHO, Hugo. **Educação Geográfica e Formação Cidadã: o Projeto Nós Propomos! no Distrito Federal/Brasil**. 2021. 213 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- CLAUDINO, Sérgio. **Projeto Nós Propomos! Geografia e cidadania**. In: TELES, Glauciana Alves; CLAUDINO, Sérgio; SOBRINHO, J, F (Orgs). Ensino e formação de professores de Geografia: Experiências no semiárido Brasileiro e em Portugal. Sobral - CE, Sertão Cult, 2020. p. 17-52.
- CLAVAL, Paul. O papel do trabalho de campo na Geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. Tradução de Giovanna Thomaz. Revisão de Patricia Reuillard (UFRGS). **Revista franco-brasileira de geografia**, São Paulo, n. 17, p. 1-25. 2013.
- CUNHA, Alecsandra Santos da; LEITE, Eugênio Batista. Percepção ambiental: Implicações para a Educação Ambiental. **Sinapse Ambiental**. Belo Horizonte. p. 66-79, set. 2009.
- DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo, Gaia, 2004.

GARCIA, Liliana Bueno dos Reis. **História e Memória: os 50 anos do Ensino Superior Público em Rio Claro**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - 1958 a 2008. 2008. (v. 1).

GARROSSINO, Rayssa da Silva. **“A excursão geográfica” de Delgado de Carvalho: Orientações para o ensino de Geografia (1941) - SP**. 2023. 59f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Ourinhos, 2023.

JUNKER, Buford Helmholz. **A importância do trabalho de campo: uma introdução às ciências sociais**. Rio de Janeiro: Lidaador, 1971.

MAURO, Suzeli. **A história da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e suas contribuições para o movimento de educação matemática**. Dissertação (Mestrado Educação em Matemática) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro, 1999.

MAFRA, Marcela Vieira Pereira; FLORES, Davi Alexandre da Costa. Trabalho de campo no ensino da Geografia na Educação Básica: dificuldades e desafios para professores. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 15, p. 6-16, jul./dez. 2017.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira; CUANI JUNIOR, João Luiz. Geografia no currículo da escola secundária brasileira, a partir da proposta de Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo e Maria Conceição Vicente de Carvalho (1935). **Signos Geográficos**, Goiânia, v.2, p. 2-16, 2020.

MENEZES, Maria Lúcia Pires. Geografia de Delgado de Carvalho. **Revista Geografia**, João de Fora, v.2, n.1, p.1-17, 2011.

NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica**. Ilhéus: Editus, 2010. 139p.

NOVAIS, Carlos Renato Asakawa. Carlos Renato Asakawa Novais fala sobre os desafios da realização do trabalho de campo em escolas públicas. [Entrevista cedida a] Natalya Crivellaro Pires. [Ourinhos], 23 out. 2023.

OLIVEIRA. Márcia Aparecida Labres de. SANTOS. Edson Moises Alves dos. **Transformações do espaço na rua XV novembro pelo “olhar” dos alunos**. Relatório apresentado na disciplina de Estágio Supervisionado de Licenciatura em Geografia para o Ensino Fundamental do curso de Licenciatura em Geografia - Universidade Federal do Paraná, [2003].

PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Educação Ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.7 n.2:19-31, 1998.

PROJETO NÓS PROPOMOS! Ourinhos cidade sustentável. Coordenadora: Márcia Cristina de Oliveira Mello. Universidade Estadual Paulista, FCTE, Ourinhos, 2023. Fotografias.

RAST, Walter; HOLLAND, Marjorie; RYDING, Sven-Olof. **Eutrophication management framework for the policy-maker**. França: UNESCO, 1989.

SANTOS, Eliana de Oliveira. João Dias da Silveira. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 48, p. 7-13, nov.1973.

SANTOS, Fátima Aparecida dos. **A escola nova e as prescrições destinadas ao ensino da disciplina de geografia da escola primária em São Paulo no início do século XX**. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica - São Paulo, 2005.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia do Brasil: História e teoria**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2012. (Coleção Memórias da Educação).

SILVA, Ana Maria Radaelli da. Trabalho de Campo: prática "andante" de fazer Geografia. **Geo UERJ**, Revista do Departamento de Geografia, Rio de Janeiro, n. 11, p. 61-73, jan. 2002.

SILVA, Juliana Santana; SILVA, Miriam Berbarmino; VAREJÃO, José Leonídio. **Os (des) caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na geografia**. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes, v. 12, n. 3, p. 187-197, set./dez. 2010

SILVEIRA, João Dias da. A excursão no ensino da Geografia. **Geografia**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 70 -73, 1936.

APÊNDICE A

Entrevista realizada com Carlos Renato Asakawa Novais

1. Qual a sua idade e quantos anos atua como professor de Geografia?

R: Idade: 43 anos. Aproximadamente 16 anos como professor de Geografia.

2. Quais foram os trabalhos de campo mais significativos realizados durante sua atuação profissional?

R: Taubaté e Campos do Jordão; Registro e Eldorado (Caverna do Diabo); Areias e Bananal; São Paulo (entorno da escola); Itatiaia (RJ) e Bocaina de Minas (MG); Curitiba (PR) este realizado de avião; Jundiaí e Campinas.

3. Você considera as etapas mencionadas por João Dias da Silveira (pré-campo, observações durante a atividade e a volta) fundamentais para a aprendizagem dos alunos? Por quê?

R: Sim, pois preparar o educando é um ponto fundamental e demonstra que existe uma intencionalidade pedagógica com a saída, como um amigo (guia de turismo) comentava “levar por levar, cachorro leva”, apesar da brincadeira ser uma realidade.

Além disso, o estudante preparado, gera além de um aproveitamento maior da saída, inclui o aspecto da segurança. Sobre as observações, é interessante para direcionar e apresentar um olhar (o sentido do olhar que penso pode ser verificado na obra: CARDOSO, Sérgio. O Olhar Viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. O Olhar. 1995. p 347-360. A volta, pensando no ensino fundamental II, é uma etapa interessante, mas pelas experiências que desenvolvi e pelo calendário que tenho à disposição é uma etapa que desenvolvo com um peso menor, pois o antes e durante busco valorizar mais, e durante o campo já vou consolidando alguns pontos.

Além disso, na prefeitura onde desenvolvo com uma regularidade semestral, tenho vários alunos que refazem a experiência, no planejamento vou retomando roteiros anteriores desenvolvidos.

4. Quais os resultados positivos que foram observados durante e após os trabalhos de campo mais significativos?

R: Pensando que sou docente da rede pública, o fato de possibilitar saídas para outros municípios, já é um aspecto positivo, uma vez que democratiza o acesso a pontos que alguns teriam dificuldade de ir. Se pensarmos que estou em uma escola de educação integral em tempo integral, contribuir para uma formação integral que vai além dos conhecimentos específicos também figura como ponto positivo, pois contribui para o desenvolvimento das dimensões social, emocional, físico, cultural, intelectual e emocional.

Além disso, ao tornar o ambiente de aprendizagem de conteúdos escolares mais significativos para os educandos, por meio dessas visitas técnicas, temos um ganho ao garantir a apropriação dos territórios, interação com os potenciais educativos e saberes dos locais.

Outro ponto de destaque, é que realizar atividades diferentes, como os trabalhos de campo, podem servir de inspiração e estímulo para outros professores, vendo que é possível realizar algo diferente na educação, e neste sentido a ida para Curitiba de avião com estudantes da rede pública é um exemplo. Outro aspecto que acrescento pensando na rede pública, está atrelado a aproximação que se cria com o grupo e o fato do estudante, valorizar aquele professor que se esforça para fazer algo para ele.

5. Qual a sua motivação para realizar a aplicação do trabalho de campo?

R: Sempre fui aluno de escola pública e quando era aluno, uma docente do Ensino Fundamental I, amiga da minha mãe (professora) já fazia saída por São Paulo e eu acompanhava como aluno e filho da professora e gostava. Depois, no Ensino Médio por ter feito curso técnico de turismo, também realizava alguns trabalhos de campo e na graduação, por ter feito em uma Universidade Pública (USP), que tinha diversas saídas e a possibilidade de ter contato efetivo com a realidade, poder produzir o conhecimento / olhar, considero um diferencial na formação e me deram uma maior segurança em sala, isso sem esquecer no ganho do aprendizado. Em função disso, e de falas de retornar para comunidade, sempre busquei promover atividades similares que contribuem para um aprendizado superior e uma formação plural, isso sem deixar de lado o meu gosto por esse tipo de atividade.

6. Quais as principais dificuldades encontradas para dar início e executar o trabalho de campo?

R: Pensando nas diversas escolas que atuei, a principal dificuldade está em encontrar alguém que realmente acredite no projeto, neste sentido ter uma gestão que realmente apoie o projeto (como encontrei com destaque na prefeitura e em outra escola) é fundamental, conquistando esse apoio os outros vão ser vencidos de modo mais tranquilo. Conhecer os caminhos burocráticos, legislação e forma de construção do projeto também são elementos que exercem dificuldade, aliás, a escrita de um projeto por experiência é um ponto que acaba sendo uma grande barreira para um grupo significativo de docentes com que conversei. Sair com um aluno acaba gerando um grande peso no quesito responsabilidade e acaba assustando alguns professores, em especial quando falamos de saída para outros municípios como tenho costume de fazer...

7. Como é feita a obtenção dos recursos financeiros/autorização da escola para a realização da atividade?

R: Cada rede de ensino, seja ela municipal ou estadual, tem uma rede de fluxo, processo e prazos, que também dependem de interesses e recursos que podem mudar ao longo do tempo e troca de gestão. Pensando em uma das redes que atuo e faço com frequência desde 2011, pelo menos uma saída anual para outros municípios, mas com anos que cheguei a realizar 4 saídas. Primeiro ter um projeto aprovado pelo conselho de escola e incluso no PPP – Projeto Político Pedagógico, com previsão de verba, com o roteiro definido solicitar as isenções para os locais (vide ser escola pública), uma vez que a atividade deve ser gratuita para os estudantes; submeter o projeto com os pontos de visitação para uma nova apreciação do Conselho de Escola, tendo a aprovação a etapa seguinte envolve o encaminhamento com o mínimo 30 dias de antecedência a saída, documentação para o Diretor Regional de Ensino, Secretário Municipal de Educação e Prefeito, solicitando a autorização para saída do município, pois em São Paulo temos: o artigo 47 do Estatuto dos Funcionários Municipais que dispõe: “Nenhum funcionário poderá ter exercício fora do Município, em missão de estudo ou de qualquer outra natureza, com ou sem ônus para os cofres públicos, sem autorização ou designação do Prefeito.”

Além disso, temos O artigo 1º Inciso IV, do Decreto 19.512, de 20/03/1984 que delega expressamente competência aos Secretários Municipais no âmbito de suas respectivas Pastas para autorizar servidores a ausentar-se do Município, em

viagem dentro do país, quando se tratar de interesse do serviço, na hipótese prevista no artigo 47 da Lei nº8989/79.”

Vale destacar que nesta documentação, para autorização da saída também conta com informações do projeto, memorando de saída dos alunos, dos servidores que vão estar autorizados a sair, cópia de ofícios solicitando isenção e a confirmação da gratuidade; parecer da equipe gestora; cópia da ATA de aprovação do conselho, garantia que os estudantes que não forem realizar da atividade por qualquer motivo não vão ser penalizados, entre outros documentos que vão ser analisados durante o período e sendo autorizada a saída, a mesma será publicada no Diário Oficial do Município.

Além disso, temos outros aspectos que devem ser considerados, como a elaboração de no mínimo três orçamentos do veículo (seguindo o padrão estabelecido), regras para emissão da nota fiscal, bem como encerramento do processo da prestação de contas e entrega de um relatório.

Neste processo, também vale incluir a documentação do estudante que em saída para outros municípios fora da comarca, também incluímos a autorização normal da escola e para menores de 16 anos a autorização com firma dos responsáveis reconhecida no cartório.

APÊNDICE B - PRODUÇÃO ACADÊMICA

Participação em eventos científicos

II Congresso Iberoamericano Nós Propomos! entre os dias 13 e 15 de julho de 2022.

XXIV Congresso de Iniciação Científica da Unesp entre os dias 5 e 6 de outubro de 2022.

XXV Congresso de Iniciação Científica da Unesp entre os dias 16 e 17 de outubro de 2023.

Trabalhos apresentados em eventos científicos

II Congresso Iberoamericano Nós Propomos! “A contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia, no contexto da Escola Nova”, entre os dias 13 e 15 de julho de 2022.

XXIV Congresso de Iniciação Científica da Unesp “A contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia, no contexto da Escola Nova”, dias 5 e 6 de outubro de 2022.

XXV Congresso de Iniciação Científica da Unesp “A contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia, no contexto da Escola Nova: Parte 2”, nos dias 16 e 17 de outubro de 2023.

Trabalho publicado

MELLO, M. C. O.; PIRES, N.C.A excusão no ensino de Geografia (1936), por João Dias da Silveira. **Qualitative Research in Education**, Lisboa, n. 17, p. 1-17, set. 2023. Disponível em: <<https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/843>>.